



UNIVERSIDADE DO MINDELO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS

CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

A VIOLENCIA URBANA EM SÃO VICENTE

Autor: Maria Filomena Lima Duarte Lopes, Nº 88

Mindelo, junho 2017



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

Autor: Maria Filomena Lima Duarte Lopes, Nº 88

VIOLENCIA URBANA EM SÃO VICENTE

Mindelo, junho 2017

Maria Filomena Lima Duarte Lopes

A violência urbana em são vicente

“Trabalho apresentado à Universidade do Mindelo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia.”

Orientador: Mestre Armindo Gomes Tavares

RESUMO

Situações relacionadas com a violência urbana, delinquência juvenil e criminalidade têm vindo a provocar o aumento do sentimento de insegurança na sociedade no seu todo, e a ilha de São Vicente não foge a regra, onde a prática desses fenómenos sociais estivera ligada aos denominados gangues.

A violência urbana, em termos gerais, é a prática de crimes diversos contra pessoas (assassinatos, roubos e sequestros), e contra o património público, influenciando de forma negativa o convívio entre as pessoas e a qualidade de vida, sendo um tipo de violência que se manifesta particularmente nas grandes cidades.

Este trabalho teve como objetivo entender os motivos que leva os jovens a enveredarem para o mundo da violência urbana em São Vicente, analisando o fenómeno da delinquência juvenil e a criminalidade e as causas que levaram ao surgimento dos grupos gangues, bem como as medidas adotadas quer a nível das instituições, quer a nível da sociedade no geral para amenizar o problema. Da análise dos dados conclui-se que o fenómeno da violência urbana tem a sua origem essencialmente nos problemas sociais, mas não descartando alguns aspetos que são próprios de cada indivíduo.

Palavras-chave: Violência urbana, delinquência juvenil, criminalidade,

ABSTRACT

Situations related to urban violence, juvenile delinquency and criminality have been increasing insecurity in society as a whole, and the island of Sao Vicente does not escape the rule, where the practice of these social phenomena had been linked to the so-called gangs.

Urban violence, in general terms, is the practice of various crimes against people (murders, robberies and kidnappings), and against the public patrimony, negatively influencing the conviviality between people and the quality of life, being a type of violence Which manifests itself particularly in large cities.

The objective of this study was to understand the reasons that lead young people to move to the world of urban violence in São Vicente, analyzing the phenomenon of juvenile delinquency and crime and the causes that led to the emergence of gangs, as well as the measures adopted either Both at the level of the institutions and at the level of society at large to mitigate the problem. From the analysis of the data it is concluded that the phenomenon of urban violence has its origin essentially in the social problems, but not discarding some aspects that are proper to each individual.

Word-key: Urban violence; juvenile delinquency; criminality

Dedicatória

Trabalho dedicado a todos aqueles que fizeram do meu sonho realidade, proporcionando-me ao longo de todo o percurso, forças para acreditar e alcançar meus objetivos. Muito obrigado.

Agradecimentos

Ao realizar qualquer trabalho científico, por mais individual que seja, precisa-se da ajuda, da colaboração e do apoio de outras pessoas e instituições.

Assim sendo é com profunda gratidão que enalteço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desse trabalho:

Ao coordenador do curso de Sociologia Mestre Graciano Nascimento, pela atenção, ensinamentos e dedicação e incentivo ao longo de todo este período.

Aos meus colegas Janaína, Idalécio e Litos pelo apoio na recolha dos dados no terreno. Aos vários docentes que sempre souberam entender as nossas dificuldades e guiaram-nos no caminho certo.

A minha amiga Janaína Lopes que sempre esteve lá para o que precisasse, encorajando-me sempre a concluir a minha licenciatura.

Aos meus pais Armindo Duarte Lopes e Rosalina Lima que sempre me apoiaram afirmando que é possível alcançar as metas traçadas apesar de todas as dificuldades.

A minha família, em especial ao meu companheiro e amigo em todos os momentos bons e menos bom Carlos Medina, a nossa princesinha Rânia Sofia e a todos os meus irmãos agradeço o apoio.

Em especial ao meu orientador, Mestre Armindo Gomes Tavares, pela orientação, pelos ensinamentos transmitidos e pela disponibilidade evidenciada ao longo da realização desse trabalho.

A Esquadra de Investigação e Combate à Criminalidade do Mindelo na pessoa do seu Comandante Sr. Evandro Sousa e a todos os elementos da BAC pela disponibilidade e todo o apoio prestado.

A todos os que contribuíram de uma forma ou de outra para que esse trabalho seja concretizado.

Agradecimentos a todos

INDICE

RESUMO	V
ABSTRACT	VI
ÍNDICE.....	IX
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XIII
INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Enquadramento	1
1.2. Justificativa	1
CAPITULO II – FUNDAMENTOS TEÓRICOS	3
2.1. O meio urbano, a juventude e a criminalidade.	12
2.2– Teorias sociais e sociológicas da prevenção do crime	18
2.2.1. Aspetos Ecológicos do Crime	18
2.2.2 Aspetos socioeconómicos do Crime.....	20
2.2.3 Aspetos Psicológicos do Crime	21
2.3. A Violência.....	24
2.3.1. Tipos de Violência.....	25
2.3.2 A Violência Urbana	27
2.4 A Criminalidade	29
2.4.1 A Criminalidade Urbana.....	31
2.4.2 O Grupo e a Criminalidade.....	32
2.4.3 Imitação do Crime	35
2.5. O Surgimento dos Grupos denominados Gangues	36
2.6 . A Violência Urbana em São Vicente	41
2.7. A Brigada Anticrime da Polícia Nacional em São Vicente	43
CAPITULO III – METODOLOGIA	47
3.1 Delimitação geográfica e temporal da pesquisa	47
3.2 Objetivo Geral:	47
3.3 Objetivo específicos:	47
3.4 Desenho metodológico	47

3.5. Tipo de Pesquisa	48
3.6. Técnica de pesquisa	48
3.7. Hipóteses de pesquisa	49
3.8. Instrumentos para tratamento de dados	49
CAPITULO IV- ANÁLISE DE DADOS	50
4.1 Análise dos Resultados	50
CONCLUSÃO	72
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	76
ANEXOS	80

Lista de gráficos

Gráfico 1- Sexo.....	50
Gráfico 2- Faixa Etária	51
Gráfico 3- Estado Civil.....	51
Gráfico 4-Profissão.....	52
Gráfico 5- conhecimento da violência urbana.....	52
Gráfico 6- Esse conhecimento advém de onde.....	53
Gráfico 7- violência urbana / delinquência juvenil	54
Gráfico 8-vítimas da violência urbana em São Vicente	55
Gráfico 9- Foi cometido por adultos ou por jovens que aparentam ter menos de 18 anos ..	55
Gráfico 10- violência urbana / insegurança.....	56
Gráfico 11- sente-se inseguro (ameaçado) com esse tipo de violência	57
Gráfico 12- Tendência verificada em relação a violência urbana	58
Gráfico 13- Fenómeno gangue em São Vicente.....	59
Gráfico 14- Violência urbana / surgimento dos grupos gangues	59
Gráfico 15- Tipo de crime / surgimento dos grupos gangues.....	60
Gráfico 16- A família / violência e criminalidade existente na nossa sociedade	61
Gráfico 17- Situação económica precária / aumento da violência urbana em São Vicente	61
Gráfico 18- Desempenho da Policia Nacional em São Vicente	62
Gráfico 19- Policia Nacional/ prevenção e combate a violência urbana.....	63
Gráfico 20- Violência urbana na zona onde reside.....	64
Gráfico 21- Roubo com o uso de força ou ameaça.....	64
Gráfico 22- Agressão/ ameaça.....	65
Gráfico 23- Quando é que isso aconteceu	65
Gráfico 24- Causa ou facilitadores do fenómeno da violência urbana.....	66
Gráfico 25- Conhecimento BAC	67
Gráfico 26-Desempenho BAC	67
Gráfico 27- Formação da BAC /violência urbana em São Vicente.....	68
Gráfico 28- Abordagem / BAC	68

Gráfico 29- Opinião relativa a abordagem feita pelos elementos da BAC	69
Gráfico 30- Jovens provenientes de famílias desestruturadas / probabilidade de serem delinquentes e ou criminosos.....	69
Gráfico 31- O uso de drogas /prática de criminalidade e violência	70
Gráfico 32- jovens / mundo do crime e da violência.....	70
Gráfico 33- papel da família na prevenção e combate a criminalidade e violência urbana em São Vicente?	71

LISTA DE ABREVIATURAS

PN – Policia Nacional

BAC – Brigada Anticrime

OMS – Organização Mundial da Saúde

EUA – Estados Unidos da América

INE – Instituto Nacional de Estatística

PJ – Policia Judiciaria

PM – Policia Militar

INTRODUÇÃO

1.1. Enquadramento

Pretende-se com esta pesquisa fazer uma avaliação do fenómeno da violência urbana em São Vicente no período após a criação da Brigada Anticrime da Policia Nacional (Comando de São Vicente).

1.2. Justificativa

A violência e a criminalidade são problemas sociais que inquieta cada vez mais a sociedade e as autoridades em particular. A violência urbana tem sido uma preocupação cada vez maior nas sociedades e consequentemente, a Polícia Nacional cabo-verdiana vem fazendo os possíveis no sentido de encontrar uma resposta capaz de trazer alguma tranquilidade aos cidadãos e quisá eliminar esses problemas. Deste modo, a existência de qualquer modalidade de violência é vista como sinal de alarme e por isso, é necessário criar condições para que a normalidade seja reposta.

Nos últimos anos a violência urbana instalou o pânico na ilha de São Vicente, nomeadamente no que tange a delinquência. Os sinais desta insegurança estão por todos os lados e não deixam de chocar o observador mais atento que se depara constantemente com imóveis cercados de grades e com policiamento reforçado.

Perante esse clima de insegurança, a Polícia Nacional apostou-se na criação de um núcleo especial denominada de Brigada Anticrime (BAC), que já existia na cidade da Praia, com a

finalidade de resolver esses constrangimentos sociais e resgatar o sentimento de segurança que fora perdido.

Os moldes de atuação da Brigada Anticrime foram muitas vezes criticados, mas considerados um mal necessário. Devido a estas contestações foi muitas vezes reestruturada ao longo dos tempos.

Com isso, a violência e rivalidade entre os grupos de gangues das diferentes zonas de São Vicente pareceu ter tido um fim ou pelo menos já não se houve tanto falar deles.

O trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo fez-se um enquadramento do tema da pesquisa e uma breve justificativa da escolha apresentada. O segundo capítulo apresenta os fundamentos teóricos onde são explorados temas como as teorias sociais e sociológicas do crime, a violência, os tipos de violência com ênfase para a violência urbana, os grupos gangues e a violência urbana em São Vicente, e a criação da Brigada Anticrime. No terceiro capítulo apresentou-se a metodologia utilizada para a realização do estudo.

No quarto e último capítulo procedeu-se à análise e confrontação dos dados obtidos através da aplicação do questionário e das entrevistas dirigidas a alguns elementos da Polícia Nacional, Comando de São Vicente.

CAPITULO II – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O presente capítulo analisa o tema numa perspectiva geral, através de vários pontos de vista e estudos de diversos autores, sobre determinados aspetos considerados importantes para a compreensão e entendimento do tema, visando assim um melhor enquadramento teórico do mesmo.

As formas de manifestação da violência alcançam um amplo leque de comportamentos, relações e práticas. Essas formas plurais e multifacetadas foram ao longo da história sendo formuladas e reformuladas, de modo que qualquer compreensão mais abrangente do fenómeno, requer hoje, uma aproximação com as diferentes correntes teóricas.

Aspetos distintos interferem, portanto, na dialética da violência: fatores sociais, políticos, culturais, estruturais e outros.

Cada sociedade num determinado período histórico produz normas sociais e culturais de relacionamento que servem de parâmetro para a compreensão do fenómeno da violência.

As noções de solidariedade social, consciência coletiva, crime e anomia fornecem um ponto de partida para o estudo da violência.

Segundo Durkheim, a violência seria um estado de fratura nas relações de solidariedade social e em relação às normas sociais e jurídicas vigentes em dada sociedade.

Se do ponto de vista conceitual a subjetividade de violência é consenso, o mesmo não acontece das relações político-ideológicas. O sociólogo Naldson Ramos da Costa, coordenador do Núcleo Interinstitucional da Violência e Cidadania da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), analisa a violência a partir do velho axioma que apresenta o homem como produto do meio em que vive. Explica que “até início dos anos 1980, a criminalidade gerada pela violência poderia ser sintetizada através de duas ideologias. De um lado, a esquerda defendia que a criminalidade era resultado direto da desigualdade social, da falta de empregos e da má distribuição dos recursos”. Para a direita, o problema era a exclusão da polícia. Faltava mais repressão e seria necessário um endurecimento total”, completa o professor Naldson.

Segundo Costa (1996), a violência “é uma particularidade do viver social, um tipo de negociação, que pelo emprego da força ou da agressividade visa encontrar soluções para conflitos que não se deixam resolver pelo diálogo e a cooperação”.

A violência urbana põe em causa a continuidade das rotinas quotidianas, alterando a compreensão do significado do controle social e delegando na polícia a preservação das rotinas a qualquer custo.

Por isso, a família tem um papel imprescindível na educação dos seus filhos.

A Família é “como um grupo social constituído por indivíduos relacionados entre si por laços de sangue, de casamento ou de adoção que formam uma unidade económica e cujos membros adultos são responsáveis pela criação das crianças” (Giddens, 2004).

No entanto, Santos (1999) tinha entendido este conceito em vários sentidos. Em sentido lato, compreende todas as pessoas ligadas por vínculos de casamento, parentesco, afinidade e adoção. Em sentido restrito, engloba o pai, a mãe e os filhos. Num sentido intermédio, é o grupo de pessoas que vivem debaixo do mesmo teto. Por isso, a família é o grupo social elementar, natural, necessário e permanente de pessoas ligadas por vínculos de parentesco (consanguinidade e afinidade).

Segundo Saraceno (1992), a família revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos acontecimentos e relações aparentemente mais naturais.

De acordo com Minuchin (1990), a família é como um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema que opera através de padrões transacionais. Assim, no interior da família, os indivíduos podem constituir subsistemas, podendo estes ser formados pela geração, sexo, interesse e/ou função, havendo diferentes níveis de poder e onde os comportamentos de um membro afetam e influenciam os outros membros. A família como unidade social enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferindo ao nível dos parâmetros culturais, mas possuindo as mesmas raízes universais.

As famílias conhecem, em simultâneo, profundas transformações no que concerne a condição dos filhos. A violência passa a ser uma das características do seu mundo. Não se trata apenas da violência física, mas também moral, em crescimento nos múltiplos modelos de conjugalidade.

Os recursos podem afetar o poder entre os membros da família (por exemplo, prestígio, sucesso, nível de escolaridade, inteligência, grau de conhecimentos, idade, estatuto socioprofissional, rendimento, sociabilidade, amor, atração, amizade, etc.), de modo a mostrar que a violência é utilizada como um recurso quando outros faltam ou são insuficientes.

Tendo em conta que as diversas classes sociais e grupos étnicos possuem níveis diferentes de acesso a estes recursos e diferentes fontes de prazer e realização, então distintos níveis de violência podem, desta forma, ser esperados. Como os estratos sociais mais baixos são compostos por indivíduos com fracos recursos, eles serão os mais vulneráveis e propensos à violência.

De igual modo, a teoria da (sub) cultura adapta-se muito bem à esta temática, uma vez que é considerada como uma resposta socialmente aprendida; para esta teoria, a aprendizagem da violência decorre da inserção dos indivíduos num grupo ou numa (sub) cultura.

As disposições agressivas dos indivíduos violentos refletem o seu processo de socialização no sistema de valores e normas dessa (sub) cultura. Mas nem todos os indivíduos traduzem essas normas na sua ação.

Tal significa que a reprodução dos comportamentos violentos também depende de certos fatores psicológicos, ou seja, o desenvolvimento de atitudes favoráveis perante a violência e o seu uso nesta subcultura envolve comportamentos adquiridos em processo diferencial de aquisição, associação ou identificação.

Segundo esta teoria, existe uma (sub) cultura de violência desigualmente distribuída na estrutura social. Estas orientações para a violência encontram-se, principalmente, em certos grupos étnicos e aqueles que possuem baixos rendimentos.

Para (Dobash e Dobach, 1979,) “a violência constitui uma norma, um modo de vida, uma resposta (sub) cultural). Esta aceitação normativa da violência resulta, assim, numa variação da sua incidência nos vários grupos sociais”.

Pesquisas têm vindo a demonstrar que, estes grupos não se restringem a uma determinada classe social, a uma área geográfica, a um grupo profissional, étnico ou religioso. É de salientar que podemos encontra-los em todos os contextos.

A cultura é uma entidade estrutural com as suas próprias dinâmicas e influência no comportamento. Pensa-se ser esta perspetiva que está na base da chamada teoria da consistência cultural da violência.

Com esta teoria, Carroll (1980), pretende articular a teoria da (sub) cultura da violência com a estrutura social, ou seja, pretende chamar a atenção para os padrões culturais que são compostos por sistemas integrados de ideias e valores que são partilhados pelos membros de uma determinada (sub) cultura.

Caso as famílias não souberem transmitir valores, os seus filhos estarão, de certo modo, mais propensos à esta (sub) cultura de violência e conseqüentemente ao crime.

Convém, desde já, precisar que a **criminalidade** consiste num “*fenómeno social da prática criminosa, expressa em aspetos qualitativos e quantitativos*” ou é “*o conjunto dos crimes cometidos num dado meio histórico e geográfico durante um determinado período de tempo*” (Dicionário Houaiss, p. 1128).

Para Giddens (2009), crime, é qualquer ação que viola as leis estabelecidas por uma autoridade política. Neste caso, crime é todo o fato humano declarado e punível pela Lei Penal.

No entanto, Bettiol (2007), afirma que crime é qualquer fato do homem, lesivo de um interesse que possa comprometer as condições de existência, de conservação e de desenvolvimento da sociedade.

O crime advém de tensões estruturais e da ausência de regulação moral no seio da sociedade. Se as aspirações dos indivíduos e dos grupos sociais não coincidirem com as recompensas disponíveis, esta disparidade entre os desejos e a sua realização far-se-á sentir nas motivações desviantes de alguns dos membros desta mesma sociedade e consequentemente nas famílias.

Numa sociedade democrática, a noção de crime corresponde a aquelas formas de conduta que colocam em perigo os valores fundamentais e vitais tanto para o indivíduo, como também para a sociedade e para o próprio Estado.

Na sociedade cabo-verdiana a noção de crime encontra-se prevista no Código de Processo Penal e apreende um “*conjunto de pressupostos de que depende a aplicação ao agente de uma pena ou uma medida de segurança criminais*”.

O conceito de crime depende do contexto social e cultural e da forma política de cada sociedade particular. Rotman (1998), afirma que o que representa crime numa sociedade onde prevalecem normas consuetudinárias pode não constituir crime noutra com normas tipificadas em códigos e com parâmetros mais formais. Mesmo nas sociedades com normas formais que tipificam apenas certas condutas como crimes e prevêm sanções para essas condutas. Há condutas que são tipificadas como crimes em algumas sociedades e em outras não.

Segundo Giddens (2009), algumas teorias sociológicas sobre o crime e o desvio, a criminologia positivista foi alvo de muitas críticas e argumentam que uma explicação satisfatória do crime deve ser sociológica, já que o que se entende por crime depende das instituições sociais de uma determinada sociedade.

A Polícia Nacional cabo-verdiana como instituição, está vocacionada para a prevenção de conflitos familiares e sociais, e pode desempenhar um papel imprescindível na minimização e/ou solução de conflitos urbanos e sociais de um modo geral.

A PN, ao contrário do que se pensa, não existe somente para punir, aplicar sanções às pessoas. Ela tem um papel importante relacionado com a função educativa, ideológica, de prevenção social que consiste em orientar, formar e persuadir.

É neste sentido que Costa (1999) entende a organização como um sistema em que grupos de pessoas interagem, seguindo um conjunto de valores que determinam padrões de comportamentos aceites por todos, sob cooperação efetiva, resultando no estabelecimento de normas que influenciam a percepção dos seus membros podendo subverter ou apoiar os objetivos e a missão da organização.

A cultura organizacional, *“é o conjunto de hábitos e crenças estabelecidos por normas, valores, atitudes, expetativas, compartilhados por todos os membros da organização [...] ela se refere ao sistema de significados compartilhados por todos os membros e que distingue uma organização das demais. Constitui o modo institucionalizado de pensar e agir que existe em uma organização”* (Chiavenato, 2004).

A segurança surge como o primeiro fator de liberdade, pelo que é prioritário garantir a liberdade de circulação dos cidadãos em todo o tecido urbano, erradicar as zonas ditas perigosas da cidade e proporcionar aos cidadãos uma sensação de segurança.

A PN sempre teve em conta que o cidadão ocupa um papel central no sistema de segurança interna, pelo que se impõe uma crescente visibilidade da Polícia e uma política de proximidade com os cidadãos, devendo as autoridades estimular a participação destes nas ações de prevenção da criminalidade.

A PN compreende que o combate à criminalidade é pluri-vetorial e não apenas uma questão de eficácia da polícia, abrangendo, a par de questões de natureza operacional, questões de natureza política, institucional, jurídica e social.

A prevenção social é como *“um sistema descentralizado, autodirigido na luta contra a delinquência que compõem órgãos sociais e estatais da atividade preventiva, inter-relacionados numa estrutura organizativa para realizar um ciclo de direção especializada com o fim de influenciar eficientemente e regular a delinquência”* (Karakashev, 1988).

Os fatos demonstram que hoje, pelo efeito da chamada globalização neoliberal e as relações socioculturais, políticas e económicas entre as nações, aumenta a complexidade e a dimensão dos fenómenos condutais e dos comportamentos indesejados de qualquer sociedade.

Há especialistas que interpretam este fenómeno desde uma ampla perspectiva, vendo na prevenção social um sistema de influências que se exercem em diversas direções a fim de auto-regular um processo social, como as condutas indesejadas.

Neste sentido, Quiroga (1985) considera que a prevenção social é uma aspiração ao aperfeiçoamento, sem dúvidas dentro do mesmo sistema de determinadas relações e instituições sociais, a uma redução das doenças do mundo capitalista.

A **prevenção** é uma ampla atividade *“que compreende não só as tarefas de prevenção e prevenção secundária do delito, mas também todas as tarefas da chamada prevenção primária, em sentido amplo da palavra e da prevenção terciária em sentido geral.”* (Monteiro, 1985).

Para outros autores, este fenómeno é representado como uma ação ou conjunto de ações de carácter planificado pelo Estado e todos os membros da sociedade em função da erradicação das causas e condições que engendram o delito.

Na literatura científica é sistematizado e classificado as funções da prevenção social, atendendo aos mais diversos critérios. *“Uma primeira classificação pode partir do enfoque das funções da prevenção tendo em conta a sua finalidade”* (Pascual, 1996).

2.1. O meio urbano, a juventude e a criminalidade.

A violência urbana tem vindo a transformar-se em objeto de estudo, isto na sequência da sua transformação em um importante problema social construído essencialmente pela comunicação social.

O problema social é construído por atores sociais em processo interativo, muitas vezes na busca de ocupação de posições hegemónicas no campo social ou político.

A mediatização a volta do fenómeno da violência urbana leva muitas vezes os profissionais da comunicação social a substituírem termos como segurança, vida social por outros como medo, insegurança, isolamento.

A desconfiança tende a substituir a solidariedade, o isolamento e o enclausuramento tornam-se rotineiros. As casas transformam-se em jaulas, o desconhecido numa ameaça potencial. É a estigmatização social.

Este fenómeno que na última década tornou-se crescente nos principais centros urbanos pode ser associado às novas formas de sociabilidade das sociedades modernas urbanas.

Emile Durkheim construiu uma parte importante da sua teoria social a partir dos riscos da anomia social que as sociedades industriais europeias estavam conhecendo, com uma dissolução progressiva das formas tradicionais de controlo social. O princípio da solidariedade mecânica estava sendo substituído, enquanto forma de sociabilidade, pelo princípio da solidariedade orgânica, resultante da divisão social do trabalho. É, aliás, o risco de anomia que impõe a necessidade da criação de instituições sociais de socialização, de repressão e disciplina.

Nos centros urbanos nas diferentes partes do mundo tem-se verificado um aumento significativo da criminalidade juvenil.

A relação entre violência e urbanização é uma questão relevante e que tem sido abordada por diversos estudos e pesquisas. A estrutura urbana é considerada um fator determinante do fenómeno da violência e do crime.

Diversas abordagens teóricas analisaram a estruturação das cidades e suas implicações sociais, económicas e políticas. Destaca-se os estudos da Escola de Chicago na análise da expansão das cidades e suas modificações sob o efeito da industrialização, representando um contexto dentro do qual são visíveis novos fenómenos sociais, que abarcam desde mudanças na ordem económica, demográfica e espacial, até alterações das sociabilidades, das formas de interação e de controlo social.

A teoria da desorganização social, desenvolvida por Shaw e Mckay (1942) relaciona a incidência de comportamento criminoso à falta de controlo social devido à ausência de uma estrutura comunitária que possibilite relações ajustadas entre os pares de um grupo, e ainda, a dificuldade de mobilização de seus membros em se organizarem na busca da efetivação de direitos sociais, através de pressões sobre o poder público.

Segundo Shaw e Mckay (1942) o baixo status socioeconómico, instabilidade residencial e heterogeneidade étnica, são responsáveis por uma diminuição da capacidade local de promover autorregulação uma vez que sendo esses pilares frágeis isso irá afetar o estabelecimento de relações formais e informais entre os membros da comunidade, favorecendo o comportamento desviante, uma vez que a maioria das famílias são desestruturadas e sem condições de acesso a escola, a saúde e a segurança pública.

Os processos rápidos de industrialização e urbanização provocam grandes movimentos migratórios, originando a concentração de amplas massas isoladas, sem os controles sociais espontâneos próprios da família, da comunidade e da religião, nas regiões de periferia das grandes cidades. Essas populações ficam expostas a uma situação de extrema pobreza, condições de vida deterioradas, desemprego e inúmeras outras carências.

O meio urbano exposto às rápidas mudanças e à desorganização social é o ambiente mais propício à proliferação da criminalidade e da violência.

A teoria da anomia de Merton (1968) contribui na explicação da associação entre criminalidade e urbanização. Para Merton o crime seria uma consequência da desorganização social onde o comportamento desviante é uma adaptação individual normal a uma situação social específica.

Segundo Merton (1968), a ocorrência de ações criminosas em um meio, é motivada pela necessidade dos sujeitos alcançarem o sucesso exigido pelo padrão social estabelecido historicamente, como paradigma para um reconhecimento do indivíduo como sujeito. Isso pressupõe que na sociedade existe grupos inferiores e superiores no que tange ao acesso aos meios para o exercício da atividade econômica. A anomia seria a ausência de normas legais e morais que norteiam as relações interpessoais e sociais, fato que permite ao indivíduo praticar atos que violam as normas legítimas da sociedade com a finalidade de alcançar destaque como sujeito dotado de poder e prestígio perante o outro.

A teoria da subcultura contribui para a compreensão do fenômeno da criminalidade, considerando que as oportunidades não são distribuídas uniformemente na sociedade, motivo pelo qual temos uma multiplicidade de condutas em meios distintos.

Sendo o comportamento influenciado pelo meio no qual o sujeito está inserido, quando um indivíduo pertence a um grupo onde a violência é um instrumento legitimado para solução de conflitos, ele tende a ser violento e a legitimar a violência em suas relações.

De acordo com essa teoria o meio propicia oportunidades para a formação do sujeito, seja nas camadas superiores ou inferiores da sociedade.

Torna-se necessário compreender as formações subjetivas sobre o valor e o respeito de um homem, isto é, a exibição de força e a posse de armas de fogo. O ser corajoso; o não levar desaforo para casa; ser macho; contribui para o desprezo do jovem pelas normas sociais e para sua exposição à violência e a criminalidade. Isto porque se não seguir esses preceitos demonstrando não ter medo muitas vezes é recriminado inclusive pela própria família, pois demonstrar força é a maneira mais rápida para se obter o status dentro de um grupo.

O machismo, como forma de demonstrar superioridade e o consumismo que representa o poder financeiro, influencia os adolescentes, principalmente do sexo masculino, que vivem nas classes populares, a aderirem a criminalidade como forma de se colocar como sujeito social.

O meio no qual os adolescentes estão inseridos desde a primeira infância facilita a sua inserção na criminalidade. Têm facilidade no acesso às armas de fogo, convivem com indivíduos referenciados como delinquentes nas comunidades, devido ao trabalho os pais ou responsáveis ficam ausentes de casa o dia todo e muitas vezes parte da noite facilitando, assim, o ingresso desses jovens no mundo do crime e da violência.

Apesar de ser imediatamente identificada como uma etapa da vida e de ser definida em termos etários, a juventude está longe de ser uma realidade biológica; ela é, sim, uma condição social que se tem vindo a constituir histórica e socialmente. Mas do que um grupo etário, a juventude é, pois, um fenómeno social de múltiplas dimensões; é uma etapa de

transição entre a dependência e a autonomia que implica percursos inter-relacionados e interdependentes.

Nas sociedades atuais, a juventude constrói-se num contexto de profundas transformações culturais, sociais e económicas que podem induzir ruturas várias nas etapas de transição para a idade adulta tornando, assim, a juventude numa condição de risco, já que as transformações em curso são particularmente gravosas para os jovens. E quando os sistemas se fragilizam e os limites e normas por eles estabelecidos se quebram, os indivíduos tendem, eles mesmos, a desafiar os seus próprios limites e os rumos da vida. Emergem, então, diferentes riscos dos quais os jovens são, com frequência, protagonistas: toxicodependências; novas formas de violência e de pequena delinquência.

Assim sendo a delinquência juvenil tem sido entendida como *“todos os comportamentos problemáticos que se manifestam no decurso de transição dos jovens para a vida adulta, sendo entendidos como comportamentos de quebra de condutas sociais convencionais que o indivíduo manifesta decorrentes de um processo de socialização juvenil.”* (Carvalho, 2003).

2.2– Teorias sociais e sociológicas da prevenção do crime

2.2.1. Aspetos Ecológicos do Crime

A explicação do crime decorre da antinomia mundo urbano/mundo rural. “O cristianismo proclama o mandamento do amor ao próximo; (...) mas na moderna sociedade não existe qualquer próximo.” A cidade moderna caracteriza-se pela rutura dos mecanismos tradicionais de controlo (família, vizinhança, religião, escola) e pela pluralidade das alternativas de conduta.

Os aspetos ecológicos do crime comportam a análise da “teoria da desorganização social” de Shaw e McKay (1942) para compreender o crime nas cidades. Tem como foco os lugares e a sua influência no comportamento do crime.

É uma teoria que foge das abordagens criminológicas voltadas à compreensão do crime e as pessoas envolvidas, concentrando-se em entender os lugares e a sua influência no comportamento do crime.

Pretende-se com esta condicionante ecológica explicar a criminalidade com base nos vínculos sociais, no arranjo das moradias, na dinâmica dos seus moradores, na capacidade dos moradores em controlar o comportamento das pessoas e a influência que tais aspetos têm no aparecimento ou instalação da delinquência e da criminalidade. Pois durante muito tempo pensou-se que havia maior probabilidade de ocorrência de crimes em bairros que conservasse características deterioradas.

A teoria da desorganização social surge na escola de Chicago (Shaw, McKay, 1942) tendo entrado em declínio nas décadas seguintes, mas é retomada nos finais do século XX com as atenções voltadas para as relações dentro dos bairros e entre bairros diferentes. Pretendia-se compreender os controlos informais presentes na estrutura do bairro que poderiam ser utilizados no controlo da criminalidade.

A teoria explica que a rede social dos moradores ordeiros facilita o controlo sobre a juventude de seus moradores, enquanto outras redes minam os esforços do conjunto total dos moradores para o combate da criminalidade, estruturação das gangues e traficantes de drogas.

O meio urbano é um fator que não deve ser descartado na análise da condicionante ecológica da criminalidade. A opção de aceitar tal condicionante como fator que determina a ação do criminoso pode servir para discriminar os diversos bairros presentes nas cidades, impondo a cada morador uma propensão para a delinquência, dependendo das características ecológicas do meio que reside.

O meio ecológico possui lugares que se articulam e promovem as inter-relações necessárias para reprodução das atividades humanas. Nas cidades, as ruas são o berço da violência. Nelas ocorrem relações sociais anónimas patrocinadas pela impessoalidade de seus frequentadores.

O modo como as pessoas circulam nos espaços habitados também é utilizado como fator ecológico para explicar o crime. Cidades muito povoadas e onde existe um grande número de moradores em habitações precárias e conjugadas, o que faz com que os espaços de

circulação entre as casas sejam mínimos e torna a ecologia do lugar própria para a fixação da atividade criminosa.

Nesses lugares, o domínio por grupos de criminosos é muito rápido, pois a cidade não é formada para promover a sua segurança.

2.2.2 Aspetos socioeconómicos do Crime

Segundo estas condicionantes, uma ação criminosa se revela nos níveis sociais, expondo as variações de classes sociais, cultura, religião, entre outras. Cada um desses atributos pode impor a existência do crime a partir de categorias bem definidas, excluindo, porém, o livre arbítrio do autor de um delito.

Entretanto, pode ser considerado dentro dessas categorias os elementos constitutivos de pessoas com maior propensão de ingresso na criminalidade.

Relativamente as classes sociais, existem a prevalência de comportamentos violentos e criminais em classes sociais distintas, embora as estatísticas criminais indiquem que há uma prevalência de pobres como delinquentes.

Podemos dizer que existe uma relação entre pobreza e criminalidade; relação esta não de causalidade, mas de potencialização (a pobreza potencializa o crime).

A situação económica também tem forte influência no fenómeno da criminalidade. Devido a precariedade do emprego, da falta de investimentos, da diminuição do poder de compra, entre outras condicionantes, a solução para muitos, passa por enveredarem para o mundo do crime que segundo Liszt, toma “um carácter patológico-social”.

De acordo com Sutherlan, relacionando as taxas de criminalidade e a atividade económica podemos concluir que:

Os crimes graves tendem a aumentar no período de depressão e a diminuir no período de prosperidade; a taxa geral da criminalidade não aumenta sensivelmente durante os períodos de depressão; a embriagues tende a aumentar nos períodos de prosperidade; os crimes contra pessoas aumentam nas épocas de prosperidade; a delinquência juvenil tem tendência de aumentar nos períodos de prosperidade, e de diminuir nas épocas de depressão. (Sutherland, apud Albergarria, 1988)

2.2.3 Aspetos Psicológicos do Crime

Compreender completamente como funciona a mente de um homicida só será possível no momento que se chegar a uma completa compreensão da mente humana, o que talvez não seja possível, mesmo com as recentes promessas da medicina que promete, no futuro, desvendar a origem biológica do pensamento e das emoções.

O que se sabe a respeito dos elementos que confluem para a formação de uma mente criminoso está publicado em manuais, livros e revistas por meio da Criminologia Moderna, da Psicologia Criminal, da Psiquiatria, Biologia Criminal e Sociologia Criminal.

Todas essas ciências, cada uma em seu campo de estudo busca suscitar quais aspetos estão na gênese do comportamento homicida, procurando traçar um perfil que melhor caracterize o praticante do crime. Sendo o crime classificado, segundo Gomes e Molina (2000), como um problema social e comunitário, o criminoso também pode ser classificado como produto e autor desse meio social.

Refletir sobre a própria condição humana – biopsicossocial pode nos direcionar para os fatores internos e externos que estão intrinsecamente ligados a formação da nossa personalidade.

É a forma como vivemos e como estamos expostos a todos eles que definirá quem somos e do que somos capazes.

Duas, têm sido as linhas de pensamento no que concerne aos fatores que desencadeiam no crime ou as causas e motivação: a primeira encontra-se no plano individual (pulsões internas, frustrações, etc), a segunda diz respeito aos fatores culturais e sociais de etiquetagem.

Numa dessas novas vertentes de abordagem criminológica destaca-se a visão de Lombroso (1968) que tentou traçar um perfil do criminoso por meio de traços físicos e biológicos. Essa teoria logo cairia por terra por conter em sua essência uma visão racista que caracterizava a pessoa como portadora da doença da criminalidade apenas pelos traços físicos.

A criminologia moderna explica o crime através de várias abordagens teóricas de acordo com Cano e Soares apud Cerqueira e Lobão (2004), que seriam:

- a) Teorias que tentam explicar o crime em termos de patologia individual;
- b) Teorias centradas no *homo economicus*, isto é, no crime como uma atividade racional de maximização do lucro;
- c) Teorias que consideram o crime como subproduto de um sistema social perverso ou deficiente;
- d) Teorias que entendem o crime como uma consequência da perda de controlo e da desorganização social na sociedade moderna;
- e) Correntes que defendem explicações do crime em função de fatores situacionais ou de oportunidades. (2002:3).

Quando os elementos como a predisposição gerada pelos fatores biológicos e psicológicos se aliam as condições estruturais do ambiente tem-se as condições ideais para o cometimento do crime. No tocante ao praticante do crime, seu comportamento caracteriza-se pela excessiva impulsividade, não-aceitação de condições desfavoráveis, intolerância, agressividade e reação desproporcional aos estímulos do ambiente.

Esses fatores geradores do comportamento criminal são frutos de diversos fatores psicológicos, cognitivos, emocionais, relacionamento, de convivência social. São frutos também das próprias condições de desigualdade, do desemprego, da baixa instrução, enfim, todos contribuem para a formação da personalidade do indivíduo.

2.3. A Violência

A violência não é um fenômeno da sociedade contemporânea. Ela acompanha o homem desde épocas mais antigas, mas, a cada tempo, ela se manifesta de forma e em circunstâncias diferentes.

Não há quem não identifique uma ação ou situação violenta, porém conceitualizar violência é muito difícil visto que a ação geradora ou sentimento relativo à violência pode ter significados múltiplos e diferentes dependentes da cultura, momento e condições nas quais elas ocorrem. Na Idade Média, por exemplo, certos procedimentos violentos eram formas de demonstração de amor a Deus.

Nessa mesma época, havia a prova do ordálio, que consistia em submeter o suspeito de crime ou de falso amor a Deus a ter que segurar uma barra de ferro em brasa para provar sua inocência. Caso não se queimasse, seria absolvido como prova da verdade e do amor divino. Porém, atitudes como essa e o autoflagelo são inadmissíveis nos dias atuais para o bom senso do cidadão comum dentro da nossa cultura.

A violência segundo Minayo e Souza (1998) é qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações dirigida a outrem, que cause prejuízos, danos físicos, sociais, psicológicos e (ou) espirituais.

Já para Santos (1996) a violência configura-se como um dispositivo de controlo aberto e contínuo, ou seja, a relação social caracterizada pelo uso real ou virtual da coerção, que impede o reconhecimento do outro, pessoa, classe, género ou raça, mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea.

2.3.1. Tipos de Violência

A busca por um conceito operacional não é a única dificuldade para quem se propõe a realizar uma reflexão sobre violência. Outra barreira que merece destaque são as várias tentativas de se classificar este fenómeno, fruto da própria dificuldade de definir. Isto porque na maioria dos casos cada classificação tende a valorizar um determinado propósito, que, em geral, encontra-se estreitamente relacionado à utilidade da mesma.

Existem inúmeros tipos de violência, não só dirigidos à mulher, mas ao homem, infanto-juvenil, e outras classificações, já que o conceito é abrangente.

Segundo a OMS violência pode ser definida como “o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Apesar do nosso trabalho não ter com objetivo debruçar exaustivamente sobre os diversos tipos de violência, mas sim sobre a violência urbana, quisemos mesmo assim fazer referência aos outros tipos de violências existentes na sociedade no geral e em São Vicente em particular:

- **Violência Física:** Ação ou omissão que coloque em risco ou cause dano à integridade física de uma pessoa. Pode traduzir-se em comportamentos como pontapear, esmurrar, estrangular, queimar, induzir ou impedir que alguém obtenha medicação ou tratamentos, etc.
- **Violência Psicológica:** Ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal.
- **Violência Patrimonial:** Ato de violência que implique dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores.
- **Violência Económica:** é caracterizada como sendo qualquer ato ou omissão capaz de trazer algum dano ou prejuízo a saúde emocional e a sobrevivência de uma pessoa.

Envolve situações como o roubo, a destruição de bens pessoais ou da sociedade conjugal, a recusa em pagar a pensão alimentícia ou de pagar os gastos básicos de sobrevivência de uma pessoa.

- **Violência Sexual:** Ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal.

- **Violência doméstica:** É o tipo de violência que ocorre em um contexto familiar, ou seja, entre parentes. Poderá ser entre o pai e a mãe, entre os pais e os filhos, etc. Abusos sexuais a crianças e maus tratos a idosos também constituem violência doméstica.

- **Violência Urbana:** consiste na prática de crimes diversos contra pessoas (assassinatos, roubos e sequestros), e contra o patrimônio público, influenciando de forma negativa o convívio entre as pessoas e a qualidade de vida. Esse tipo de violência manifesta-se particularmente nas grandes cidades.

2.3.2 A Violência Urbana

A violência urbana é a designação do fenómeno social de comportamento transgressor e agressivo que ocorre em função da convivência urbana. É determinada por valores, sociais, culturais, económicos, políticos e morais de uma sociedade. Incorpora também modelos copiados de países mais influentes na esfera internacional. A violência urbana afeta a ordem pública e a sociedade no seu todo, independentemente da classe social, englobando a violência doméstica, contra os idosos, contra as crianças, entre outras. As pessoas acabam por sentirem-se amedrontadas e muitas vezes impedidas de realizar suas atividades rotineiras com medo de serem vítimas da violência urbana.

O tema da violência urbana assume grande importância em função de sua magnitude, gravidade, vulnerabilidade e impacto social sobre o indivíduo e a coletividade.

O fenómeno da violência urbana possui causas múltiplas, complexas e correlacionadas com determinantes sociais e económicos: desemprego, baixa escolaridade, concentração de renda, exclusão social, entre outros, além de aspetos relacionados aos comportamentos e cultura.

Não há causa específica para a violência urbana, apesar de muitos especialistas apontarem a má distribuição dos rendimentos como principal fator. Apesar de muitos não terem acesso a educação e a condições básicas de saúde e habitação, não implica que tenham que seguir pelo caminho da criminalidade. Pois a acontecer isso, a maioria da população caboverdiana seria criminosa, uma vez que somos um país de desenvolvimento médio e a maioria dos habitantes são pobres.

Uma das causas do crescimento da violência urbana nas sociedades atuais acaba por ser a aceitação social da rutura constante das normas e o não respeito a noção de cidadania. A sociedade atual é muito permissiva, aceitando passivamente tanto a violência do Estado contra os mais pobres quanto o não compromisso dos indivíduos com as regras de boa convivência. As consequências são o aumento dos crimes violentos, o crescimento do tráfico de drogas, a insegurança e o clima de medo entre os cidadãos.

A violência urbana é responsável por toda uma transformação nos hábitos e comportamentos sociais, na organização e arquitetura das cidades.

2.4 A Criminalidade

A criminalidade é um fenómeno social já identificado desde os finais do século XIX como um fato próprio da existência humana, portanto um fato social. (Durkheim, 1897).

O fato social é distinto do livre arbítrio e consequência das forças coercitivas da coletividade. É algo mensurável e que difere da vontade humana individual, a qual encontra as estruturas sociais prontas, não é decisão do homem incorporar ou participar destas formas de convívio, elas existem independente da vontade de cada um e obrigatoriamente somos integrados a elas. (Giddens, 1976)

A criminalidade aparece em todas as sociedades e civilizações, integrando o mundo atual, tanto nas grandes cidades como nos lugares mais isolados. Sendo o crime obra do homem, passou-se a considerar para o seu estudo as várias ciências que contribuem para o conhecimento da personalidade humana (sociologia, psicologia, psiquiatria, antropologia, etc.), pesquisando os fenómenos criminosos como manifestação das características sociais da criminalidade.

A sociedade em geral tem uma compreensão limitada do crime, com uma visão do criminoso apenas tendo em consideração as suas características individuais não o relacionando a sociedade onde está inserido. As teorias sociológicas do crime vêm dar ênfase aos grupos sociais em detrimento das causas individuais.

Em sociologia o crime pode ser encarado como funcional e normal. Segundo a tese da normalidade e funcionalidade do crime defendida por Émile Durkheim.

Assim, a normalidade do crime deve-se a sua universalidade, isto é o crime é um fenómeno que se observa em todas as sociedades.

O crime é visto por Durkheim como uma mostra dos limites da autoridade da consciência coletiva e como agente da mudança social. Desta forma define o crime como a ofensa à consciência coletiva, ocorrendo com mais frequência quando as normas e condutas impostas no momento já não são legítimas impondo-se uma alteração para novas regras e leis. O aumento da criminalidade é sinal de que o sistema social não está a funcionar corretamente.

Para o sociólogo Durkheim (2002), o crime é um comportamento social normal e necessário, inerente à natureza humana, o qual se manifesta tanto na pobreza quanto na prosperidade. De acordo com o autor, a criminalidade não está relacionada à condição económica do indivíduo, mas representa um comportamento social natural, o que corrobora o estudo de Siegel (1989), que destaca que as pessoas de todos os níveis de vida têm o potencial para se tornarem um delinquente ou criminoso.

Durkheim introduz o conceito de anomia quando o sistema no geral é afetado por uma crise de regras, onde não existe uma ordem normativa para controlar a força não integradora dos instintos dos indivíduos, revelando assim pouca coesão social. É o caso do que ocorre atualmente de algum desrespeito pela autoridade policial resultante de leis brandas.

Segundo a abordagem funcionalista as leis atuais encontram-se desajustadas o que leva ao desequilíbrio e a perda de legitimidade das regras. Os indivíduos não se reveem no sistema e por isso demonstram pouca ou nenhuma coesão social, sentindo-se mais vulneráveis e propensos a criminalidade.

A criminalidade espelha alguma desorganização social, embora o crime pode conter uma organização social pois implica aprendizagem e socialização.

2.4.1 A Criminalidade Urbana

As cidades contemporâneas foram construídas e nelas criadas estruturas para fazer face à necessidade de proteção e segurança daqueles que neles viviam e eram reconhecidos como cidadãos.

A criminalidade começou a ser confirmada na maioria das sondagens à opinião pública (Esteves, 1999) como sendo um dos problemas mais graves e com um impacto mais negativo para a qualidade de vida nas cidades (Ferreira, 2003). A insegurança urbana há já vários anos que tem vindo a aumentar, aumentando os níveis de vitimização nos espaços urbanos.

A insegurança sentida nas urbes é sobretudo devida às incivildades e vandalismo mais que do devido aos crimes violentos (Ferreira, 2003).

Francesco Indovina (2001) defende que, com o aumento dos delitos contra as pessoas e bens aumenta também o sentimento de insegurança. Para o autor assiste-se nas cidades a um tipo de violência que é próprio de grandes aglomerados de pessoas, uma violência de lugar que apenas existe nas urbes, bem diferente da do campo. Define a violência urbana como o “conjunto de práticas ilegais e não caracterizadas de violência que se manifestam, também, devido à concentração de população”.

Para João Apolinário da Silva (2010) o crime que se vem a praticar nas grandes cidades encontra-se em pleno estágio de evolução quer este seja em quantidade ou qualidade. Os indivíduos que praticam delitos estão em todas as classes sociais pelo que não se pode atribuir apenas a prática do crime a determinados indivíduos da sociedade (Silva, 2010).

2.4.2 O Grupo e a Criminalidade

Todos os jovens fazem parte de um grupo com o qual se identificam. Este grupo tem um papel fundamental na estruturação do adolescente enquanto indivíduo social.

Cada grupo tem um símbolo, uma referência, um contexto e uma forma de pensar própria. Uns destacam-se pelas roupas, outros pelos penteados, por atitudes radicais ou ainda por uma certa rebeldia.

Segundo Haynie (2002), o grupo de pares é tido como o principal agente de socialização na adolescência, existindo ligações muito fortes entre a delinquência na adolescência e a associação com pares delinquentes (Born, 2005). Para os delinquentes, o grupo de pares em que estão integrados, é particularmente importante uma vez que facilita ou dificulta o

envolvimento criminal (Haynie, 2002), levando os adolescentes a envolverem-se propositalmente em alguns comportamentos de risco, com vista a obterem a aceitação desse grupo, ou conseguirem uma certa imagem pública ou um estatuto social.

A influência do grupo de pares tem mais impacto durante toda a adolescência, uma vez que estes passam mais tempo com os amigos do que com a família, envolvendo a partilha de ideias e sentimentos predominantes do grupo de pertença, contrariamente ao que acontece na infância, tendo em conta que passam mais tempo com a família e tendo à partida as suas atividades supervisionadas pelos pais.

Os adolescentes se comportam da mesma maneira que os amigos do grupo de pertença, mesmo quando os amigos são amigos delinquentes, levando-os a agir também de forma delinquente (Conger, 1976; Richards, 1979; citados por Gullotta, Adams & Montemayor, 1998), ou seja, ser parte de um grupo de pares delinquentes está associado à persistência do comportamento delinquente, enquanto ter poucos amigos delinquentes está relacionado com o abandono dos comportamentos delinquentes.

Tal se verifica, porque os adolescentes escolhem grupos de pares com características semelhantes às suas, quer sejam delinquentes ou não delinquentes, assim as características do grupo de pares exercem uma influência sobre o indivíduo no sentido de persistir ou desistir com os seus comportamentos anti-sociais (Rutter, Giller & Hagell, 1998).

Também a família e o contexto sociocultural são tidos como cruciais para a adoção de comportamentos delinquentes nos adolescentes. Quando os adolescentes são expostos a um ambiente familiar agressivo, verifica-se uma forte associação à delinquência e aos comportamentos violentos.

Os adolescentes que vivem em bairros pobres e com elevada criminalidade têm menos apoio parental e menos supervisão, praticando mais comportamentos anti-sociais e delinquentes. O inverso também se verifica, ou seja, pais que apresentam uma supervisão rigorosa e um envolvimento positivo na vida dos filhos, ajudam a protegê-los de se envolverem em comportamentos anti-sociais, e a não serem agredidos.

Deste modo, é possível constatar que o grupo de pares é o fator que mais contribui para o comportamento delincente (Henggeler, 1950).

No entanto existem outros fatores que influenciam o comportamento delincente, como as dinâmicas familiares e o contexto sociocultural, constituindo assim alguns fatores de risco para o adolescente na adoção de comportamentos anti-sociais e delinquentes, principalmente para aquele que tem uma fraca ligação com a sociedade.

No entanto, a adoção de comportamentos delinquentes muitas vezes não passa de uma forma do adolescente chamar a atenção, ou de uma procura de estatuto e de protagonismo, de forma a serem aceites por aqueles que considera mais representativos para si, nomeadamente os pais, acontecendo muitas vezes que ao sair da adolescência, abandona os comportamentos delinquentes, e adota padrões convencionais, seguindo um estilo de vida normativo (Born, 2005).

2.4.3 Imitação do Crime

Um dos desafios mais angustiantes da adolescência é a estruturação da identidade, que, como a própria expressão identifica, se acomoda pelas identificações: inicialmente com a mãe, depois com o pai, seguidos de outros elementos da família, professores, amigos, ídolos do futebol, do cinema, da música, da televisão e, finalmente, de outras pessoas comuns com as quais o jovem se relaciona. O grupo é um dos mais importantes para a busca da identificação.

Na busca da identidade, o adolescente apresenta vulnerabilidades, tornando-se recetor propício dos conflitos alheios, assumindo os aspetos negativos do meio em que vive.

O contexto social em que o sujeito está inserido é responsável pela formação do comportamento individual. Bandura (1973) revela que o comportamento do indivíduo é influenciado pelo ambiente e pelas características individuais.

De acordo com Guadalupe (2011) e Crossman (2007), para a aprendizagem social, o crime é cometido quando existe um maior estímulo para a quebra das regras (e maior recompensa). O exemplo de alguém próximo que obteve sucesso com a prática da delinquência também é de extrema relevância para predisposição do indivíduo a esse tipo de comportamento.

2.5. O Surgimento dos Grupos denominados Gangues

Durante vários anos o mundo viu-se afligido pela problemática da delinquência, embora não tão organizada como ela é apresentada hoje.

Atualmente várias são as sociedades que lidam diariamente com essa problemática, que coloca em risco a segurança social, económica e política de qualquer sociedade.

A violência urbana é muitas vezes vista como um fenómeno espontâneo resultante da pobreza ou apenas como a expressão da instrumentalização criminal e política.

Os jovens ao se sentirem subalternizados e desfilizados tendem a agrupar-se com outros na mesma condição social e interiorizam apenas as normas da subcultura onde crescem, ficando livres de qualquer compromisso para com a sociedade convencional pois não se identificam com as normas da classe dominante.

Por não se sentirem integrados na sociedade que os rejeita e que se protege deles, desenvolvem uma cultura de resistência caracterizada por diversas práticas de revolta que com o passar do tempo consolida-se num estilo de vida marcado pela oposição, seguindo assim, uma vida exclusivamente delinquente.

A violência transforma-os a tal ponto que hoje apresentam-se cada vez mais organizadas sob a forma de grupos denominados de “grupos gangues”.

Durante as décadas de 50 e 60, diferentes teóricos, realizaram estudos relativamente aos tais grupos gangues.

Segundo Lander (1954), Shaw e McKay (1969), os grupos gangues normalmente adotam comportamentos delinquentes porque existe no interior dos mesmos uma subcultura na qual o ato de delinquência é tolerado ou mesmo encorajado.

Essa subcultura de delinquência na qual faz parte os grupos gangues segundo esses autores subdivide-se em três tipos:

➤ **Bandos conflituais** que normalmente exprimem por meio de violência física em grupo, são constituídos por uma dezena de indivíduos. Estes indivíduos não participam em todas as atividades e têm um estatuto, sendo o líder uma personagem carismática. Estes bandos defendem um território e reconhecem-se entre si por um modo de vestir característico.

Zelam pela coesão. A delinquência é percebida como algo corolário e não necessária, não é um fim em si mesmo, mas sim um meio de reforçar o poder e o respeito devido ao bando.

➤ **Bandos criminosos** caracterizados por um campo de ação, um território mais extenso, exercem atividades centradas no furto, com ou sem violência, no tráfico de objetos ou de droga. Normalmente são grupos mais reduzidos e apresentam uma coesão muito forte. A liderança é muito estruturada e a divisão do trabalho muito precisa. Aqui a violência apresenta-se como um meio de defesa dos seus bens e segurança, ou seja, a delinquência é, portanto, um fim em si e a razão de ser do grupo (Mucchielli e Robert, 2002).

➤ **Bandos marginais;** a sua estrutura é frouxa e a coesão relativamente fraca, muitas vezes fundada no consumo comum de droga. As atividades estão centradas na droga e no seu comércio. A delinquência não é sistemática e só se utiliza com fins de aprovisionamento. São grupos móveis sem líder indiscutível. Colocam-se ou são colocados à margem da sociedade, daí a designação de «marginais». São tipicamente jovens à deriva.

Em Cabo Verde, esses grupos de gangues surgiram a partir da década de 90, inícios de 2000, com a onda de deportados dos EUA, influenciados pelas histórias de *street life*, *street soldjas* dos jovens negros nos guetos norte-americanos.

Antes disso, salvo episódios da delinquência juvenil perpetuado pelos “piratinhas” e “netinhos de vovó”, não há memória coletiva no que toca a elevados índices de violência urbana em Cabo Verde.

Cabo Verde, no pós-independência vivia uma situação de extrema pobreza, o que levou a que muitos procurassem na imigração a solução para uma vida melhor. Assim o fluxo migratório de cabo-verdianos em direção a Europa e aos Estados Unidos foi muito intenso nos anos 80, levando a que muitos jovens nascidos nos anos 70 migrassem para os EUA na década seguinte.

Muitos desses jovens não conseguiram adaptar-se a nova realidade o que os levou a marginalização envolvendo na vida criminal e consequentemente, foram repatriados pelo governo norte-americano nos anos 1990/2000. Chegando em território nacional aliam-se aos outros grupos de jovens criando assim os primeiros grupos delinquentes.

Kátia Cardoso e Sílvia Roque (2008) realçam três aspetos que têm a ver com a formação de gangues:

- A questão da *masculinidade* como forma de obter bens, dinheiro, respeito e mulheres (que pode ser violento ou não);
- A questão da *globalização* como mecanismo e mercado de obtenção de armas ligeiras e drogas (via marítima e aérea);
- Uma *pobre abordagem da violência* em Cabo Verde, feita pela média de forma superficial e enviesada.

Esses grupos delinquentes, ou *gangues* de rua como são designados em São Vicente surgiram primeiramente na cidade da Praia, na ilha de Santiago onde são denominados de *thugues* que segundo Maia (2002), são um conjunto de indivíduos nascidos num mesmo tempo, que detêm uma experiência comum, e expressa uma determinada forma de encarar a vida e seus problemas.

Principalmente nas cidades da Praia e do Mindelo, tornou-se normal ouvir alguém a dizer que foi vítima de um «*casi body*» (assalto) com violência, ou então que na noite anterior a sua comunidade foi invadida por um grupo de *gangue* rival do grupo da sua comunidade.

São vários os fatores que conduzem ao aumento da violência e da criminalidade entre os jovens, bem como à criação dos grupos delinquentes juvenis.

Para Fernandes (2009), a delinquência, em geral, em Cabo Verde é, na maioria das vezes, associada às condições estruturais e à pobreza. Destacam-se o aprofundamento das desigualdades sociais, o baixo poder de compra da grande maioria dos jovens, a baixa

escolaridade dos jovens, o processo de urbanização e de transformação social sem uma planificação adequada e desejada levando ao aumento dos bairros clandestinos sem condições de saneamento e de eletricidade, a falta de emprego, o consumo de álcool e drogas muitas vezes conjugadas com a ausência de suporte familiar.

Segundo Frias, Sotomayor, Varela, Zaragoza, Banda e García (2000), a explicação do comportamento delinquente é complexa, referindo que é necessário considerar fatores de ordem biológica, social, contextual e, até, de personalidade, fatores esses, determinantes num padrão de interação complexa, defendendo o modelo ecológico da delinquência. Isto porque alguns comportamentos apresentados pelos jovens e que são considerados inadequados podem ser normais se inseridos no contexto que é a juventude.

Formiga (2012) refere que a explicação da delinquência deve considerar também variáveis relacionadas com os valores humanos, o apego e a identificação com papéis sociais tradicionais. Uma socialização dos jovens na família e na escola iria contribuir para a inibição dos comportamentos anti-sociais, aumentando a consciência coletiva e potenciando o sentimento de inclusão e de compromisso com o social.

Tendo em conta os diferentes fatores utilizados para explicar a delinquência, trata-se de um fenómeno complexo, passível, segundo Fernandes (2009) de múltiplas combinações e interações, tornando difícil determinar objetivamente os fatores que sejam preponderantes para todos os casos e situações.

A delinquência e a violência urbana constituem atualmente o foco de preocupação social e de interesse por parte de toda a sociedade, com os atos de violência que ocorrem e a sua ênfase pelos *media*, chamando a atenção para o problema da criminalidade e da sua organização em grupos.

Segundo Fernandes (2009) a insegurança constitui uma das principais preocupações para a maioria dos cidadãos em quase todas as localidades em Cabo Verde, sendo que a maior parte dos delitos, incluindo os mais violentos, acontecem nas zonas urbanas das principais cidades do país.

2.6. A Violência Urbana em São Vicente

A trajetória de vida dos jovens em Cabo Verde desenha-se num cenário caracterizado pela exclusão social.

Nos bairros e zonas mais pobres do Mindelo e da Praia, as disjunções estruturais da sociedade cabo-verdiana adquirem na população a forma concreta e dolorosa da pobreza urbana e da falta de oportunidades e perspectivas.

O desejo exasperado de ascensão social e de acesso a símbolos materiais marcadores de *status* com um leque de oportunidades muito limitado e uma dificuldade estrutural de acesso às posições de poder (Martins 2010) é uma das motivações centrais para o aumento do crime nas cidades cabo-verdianas.

Nos últimos tempos têm-se falado muito da violência que assola os principais centros urbanos em Cabo verde, as cidades da Praia e do Mindelo.

Nas ruas tornou-se quase que normal as pessoas serem vítimas de ataques violentos por parte de grupos delinquentes ou verem suas comunidades invadidas por grupos *gangues* rivais, familiares chorando a perda do seu ente querido, ou seja, um conjunto de fatores que

leva a acreditar que a delinquência juvenil e o fenómeno *thugue/gangue* mais ou menos organizado faz parte da nossa realidade.

São jovens associados a *gangues* que surgiram recente e rapidamente na Praia e no Mindelo e que estão a redefinir as modalidades da criminalidade juvenil nesses centros urbanos.

Em quase todas as localidades da cidade do Mindelo existiu ou existe um grupo *gangue*, começando pelo mais antigo o da Ribeira Bote mais conhecido pelo nome “Pintxá Andor”; o mais numeroso o da Ribeira de Craquinha “BBH”; da Bela Vista o “*Black Enemy*”; de Monte Sossego o *gangue* “Cova”; da Ribeirinha “*gangue RB*” embora há quem diga que existem outros grupos, estes são os mais temidos e violentos, sendo que praticamente todos ou já assassinaram um elemento rival ou então já foram alvo de perda de um elemento.

Sendo assim, em 2005, decretou-se tolerância zero ao crime, principalmente ao crime associado a grupos juvenis, reestruturando a polícia e, em 2006, o então Ministro da Administração Interna, Júlio Correia, declarou o ataque contra o crime, assinando acordos de cooperação e parcerias com polícias europeias.

Surge o decreto-legislativo nº 2/2006, considerando delinquentes crianças a partir dos 12 de idade que cometessem crimes, estando sujeitas a medidas tutelares socioeducativas que vão de simples coação verbal a penas de internamento no Centro Reedutivo Orlando Pantera, criado nesse ano.

Estava assim constituída a violência e a delinquência urbana juvenil como problema social.

2.7.A Brigada Anticrime da Polícia Nacional em São Vicente

O sistema da Justiça reflete, de um modo geral, a capacidade do Estado de exercer a sua autoridade, na perspectiva da resolução de conflitos e da repressão dos comportamentos violentos que sejam configurados como crime, circunscrevendo-se, assim, ao Sistema formal de reação criminal.

Neste contexto, os órgãos de soberania, neles incluindo os que detém o poder legislativo, assumem um papel no estabelecimento de medidas a curto prazo, que possam combater, não só a violência, mas também dar aos cidadãos a sensação de que a ordem pública é mantida e imposta, sem perder de vista a reinserção dos que são punidos enquanto agentes da prática de crimes.

A primeira década dos anos 2000 ficou marcada em Cabo Verde, sobretudo na cidade da Praia, pelo surgimento de um novo tipo de violência, fenómeno esse objeto de uma forte mediatização pública. A preocupação com a violência urbana foi notória e vários foram os discursos que se produziram sobre a criminalidade e a insegurança nos principais centros urbanos cabo-verdianos.

Caldeira (2000) chama a atenção que a violência, o crime violento e o medo combinam-se a processos de mudança social nas sociedades contemporâneas, na medida em que servem de justificação para que grupos dominantes invistam em outros tipos de espaços de residência, trabalho, lazer e consumo, reconfigurando a segregação espacial nas cidades. Salienta que os discursos sobre o medo constroem a reordenação simbólica do mundo, elaborando preconceitos e naturalizando a perceção de certos grupos como perigosos, dividindo o mundo entre o bem e o mal, criminalizando assim certas categorias sociais.

Num outro nível, esse discurso acaba por fomentar o desenvolvimento de dois novos modos de discriminação: “*a privatização da segurança e a reclusão de alguns grupos sociais em enclaves fortificados.*” (Caldeira, 2000)

Os *ganges*, entre outros grupamentos urbanos violentos, são para Moura a figura do novo tipo de conflitualidade violenta que irrompe nos grandes centros urbanos a nível mundial, dominando microterritórios em países aparentemente em situação de paz.

A intenção dos indivíduos que as conduzem não é o de substituir o poder estatal, mas sim constituir um poder paralelo (Moura, 2010) ou então substituir o poder estatal nos locais em que existe um vazio institucional (Castells, 2003). Derivam da combinação de causas estruturais e fatores de risco tais como: desigualdades sociais, subalternização e marginalização da população pobre urbana, aumento de processos estruturais de exclusão social, cultura de impunidade, construções da hipermasculinidade, consumo excessivo de álcool, drogas e disponibilidade de armas de fogo (Moura, 2010).

Cabo Verde é o exemplo de país que atualmente vive esse tipo de conflitualidade, não obstante ser considerado um exemplo de democracia em África (Baker, 2006) e não estar envolvido em nenhuma guerra oficial.

A combinação de fatores como o rápido crescimento urbano e a falta de infraestruturas de habitação (Furtado, Pinheiro & Almeida, 2011), o aumento da desigualdade social (INE, 2002) e da desadequação formação/emprego na camada juvenil (Fortes, 2011), a disponibilidade crescente de armas de fogo (Reis, Rodrigues & Semedo, 2008), a emergência do narcotráfico, do tráfico de armas e de grupos armados organizados ou

semi-organizados, a incapacidade ou a ausência de resposta por parte do Estado, a cultura da masculinidade (Bordonaro, 2012a) e a cultura de violência historicamente legitimada (Lima, 2010; Varela, 2010) são alguns fatores que estão na raiz da explosão da violência direta urbana nos finais dos anos de 1990 e início dos anos de 2000 em Cabo Verde.

A partir de 2005 foram criadas várias unidades especiais da polícia para combater o fenómeno da violência coletiva juvenil nos dois maiores centros urbanos do país e o exército foi colocado nas ruas em momentos considerados críticos, o que não foi, no entanto, suficiente para resolver o problema (Em 2005 a Piquete, em 2007 a Brigada Anticrime – BAC –, em 2008 a Polícia Militar – PM – voltou a patrulhar as ruas, em 2012 “Ninja” no Mindelo e em 2012 a Guarda Nacional. Antes, em 1991, tinha-se criado a Polícia de Intervenção e a Polícia de Choque, e em 1993, a Polícia Judiciária – PJ. Antes da abertura democrática os PM e as Milícias Populares eram os responsáveis pelo patrulhamento das ruas e controlo da criminalidade, em complemento com a Polícia de Ordem Pública).

Em 2012, após o aumento da criminalidade no Mindelo, sobretudo relacionado com os *gangues*, a PN de São Vicente criou uma unidade especial (um embrião da BAC), popularmente denominada de “*Ninjas*”, devido à forma como trajam (de negro, com a cara tapada e carregando um bastão nas costas).

Num primeiro momento a população recebeu de bom grado a novidade, na medida em que trouxe uma certa tranquilidade à cidade.

A Brigada Anticrime é uma unidade especial da Polícia Nacional de Cabo Verde que se dedica única e especialmente a combater a criminalidade, prevenir acontecimentos que possam alterar a ordem e a segurança pública, acabar com bandos armados, combater o tráfico de droga e frações criminosas como grupo de gangues e delinquentes.

CAPITULO III – METODOLOGIA

3.1 Delimitação geográfica e temporal da pesquisa

Para a realização do estudo, e tendo em conta uma maior eficiência e os recursos disponíveis entendeu-se delimitar o campo de pesquisa as zonas urbanas de São Vicente. Do ponto de vista temporal a pesquisa abarca um período de dez anos.

3.2 Objetivo Geral:

Entender os motivos que leva os jovens a enveredarem pelo mundo da violência urbana / delinquência juvenil em São Vicente.

3.3 Objetivo específicos:

- Analisar em que contexto surge os grupos delinquentes juvenis em São vicente.
- Explicar o papel que a Brigada Anticrime (BAC) teve na redução e controle da violência urbana em São Vicente.

3.4 Desenho metodológico

•Universo

A pesquisa abrange todos os indivíduos com 15 anos e mais residentes na ilha de São Vicente.

•Amostra

Uma vez que para a realização do estudo não se irá conseguir abarcar toda a população que é muito extensa optou-se por extrair uma amostra de 100 indivíduos com 15 e mais anos para aplicar o questionário.

O nível de confiança admitida foi de 95,5% com uma margem de erro máximo estimado em 9%.

3.5. Tipo de Pesquisa

Para a concretização do estudo, utilizou-se a abordagem quantitativa em que a recolha dos dados é realizada por questionários e entrevistas que apresentam variáveis distintas e relevantes para a pesquisa, que em análise é geralmente apresentado por tabelas e gráficos.

3.6. Técnica de pesquisa

Para a realização do trabalho e tendo como base os pressupostos da escolha dos instrumentos de recolha de dados optou-se pela aplicação de um questionário do tipo semi-aberto que tem na sua constituição tanto perguntas fechadas com perguntas abertas.

Este tipo de questionário que, apesar de ter algum grau de dificuldade na análise das perguntas abertas, permite-nos obter algumas informações importantes para a nossa pesquisa.

Como forma de complementar os dados recolhidos através da aplicação do questionário optou-se também pela realização de entrevistas estruturadas ou diretivas obedecendo a um plano de questões previamente escolhidas.

As entrevistas estruturadas tiveram como público alvo elementos da Corporação da Polícia Nacional (Comando de São Vicente) que estão ou não ligados a criação da Brigada Anticrime.

3.7.Hipóteses de pesquisa

1. A falta de emprego contribui para a violência urbana;
2. O uso de drogas lícitas e ilícitas disponíveis é um fator que pode levar a criminalidade;
3. Crianças que nascem e crescem num ambiente de violência têm tendência à vir praticar os mesmos atos quando forem adolescentes e jovens;
4. A falta de uma presença policial de proximidade constitui um fator que pode gerar violência urbana;
5. Com a criação da Brigada Anticrime da Polícia Nacional de São Vicente, a Violência Urbana diminuiu;

3.8.Instrumentos para tratamento de dados

Os dados recolhidos, através dos questionários aplicados na maioria das zonas da ilha de São Vicente, no período entre junho e agosto de 2015, foram tratados com recurso ao programa SPSS, versão 17.

As entrevistas dirigidas aos elementos da Policia Nacional (Comando de São Vicente) foram gravadas em suporte áudio e depois transcritas para o papel com o intuito de fazer uma melhor análise e retirar conclusões para o estudo.

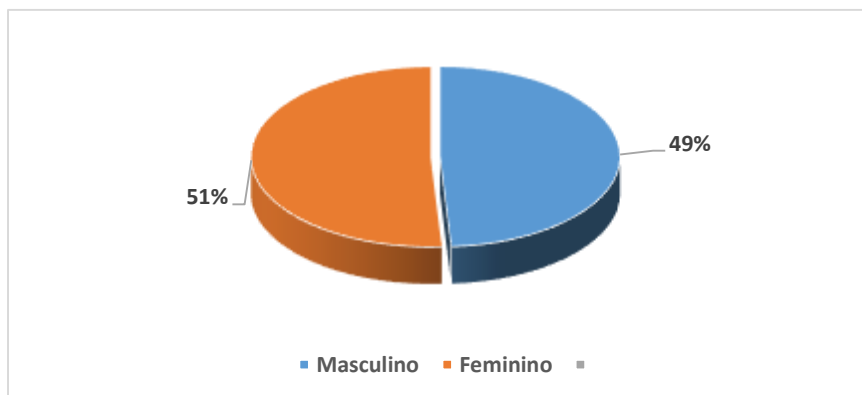
CAPITULO IV- ANÁLISE DE DADOS

O capítulo apresenta um conjunto de informações relativas aos resultados da pesquisa no terreno através de vários gráficos tendo como base as tabelas em anexo.

Parte dessas informações recolhidas foram utilizados na confrontação das hipóteses.

4.1 Análise dos Resultados

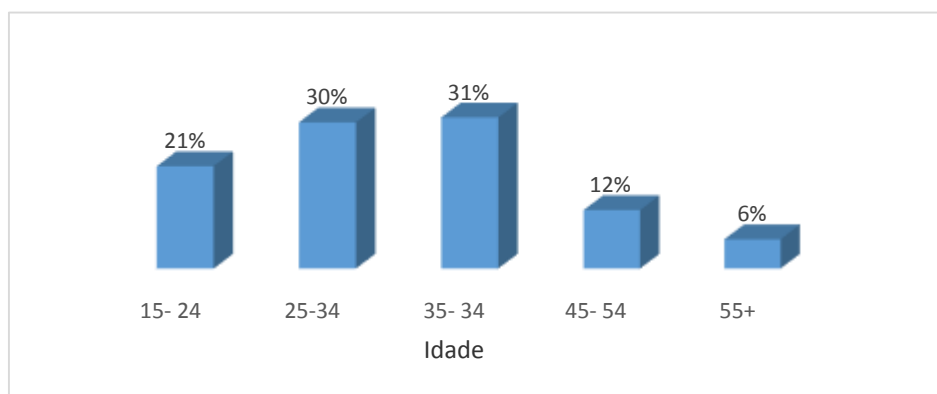
Gráfico 1- Sexo



Fonte: Elaboração Própria

O gráfico 1 apresenta a percentagem dos inquiridos na ilha de São vicente em 2015, por sexo. Verifica-se que a maioria dos inquiridos são do sexo feminino (51%)

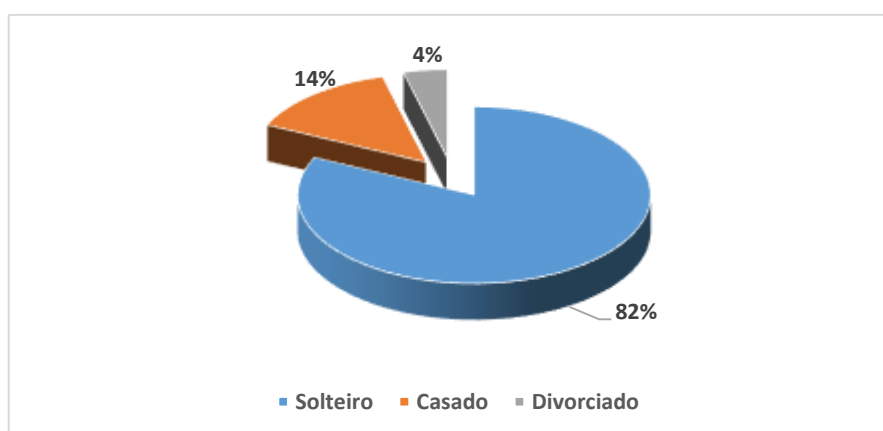
Gráfico 2- Faixa Etária



Fonte: Elaboração Própria

O gráfico 2 apresenta a distribuição percentual dos inquiridos na ilha de São Vicente, em 2015, segundo a faixa etária. Há uma percentagem maior de inquiridos na faixa etária dos 25 a 34 anos (30%) e dos 35 à 44 anos (31%).

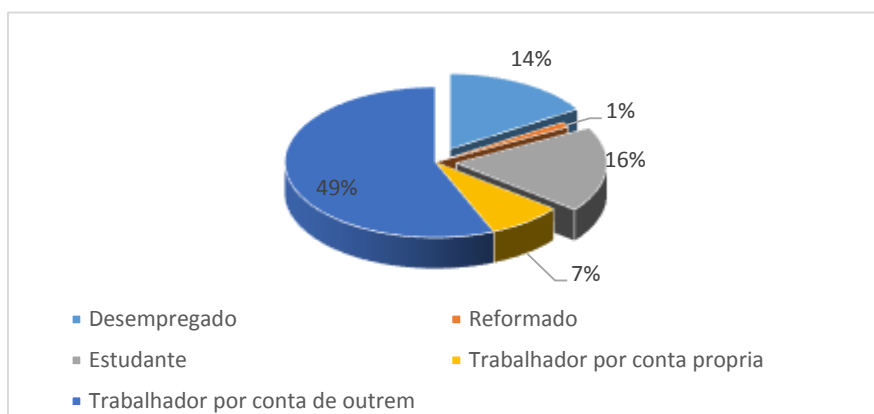
Gráfico 3- Estado Civil



Fonte: Elaboração Própria

Tendo em conta o estado civil pode-se observar que a maioria dos inquiridos residentes em São Vicente são solteiros (87%).

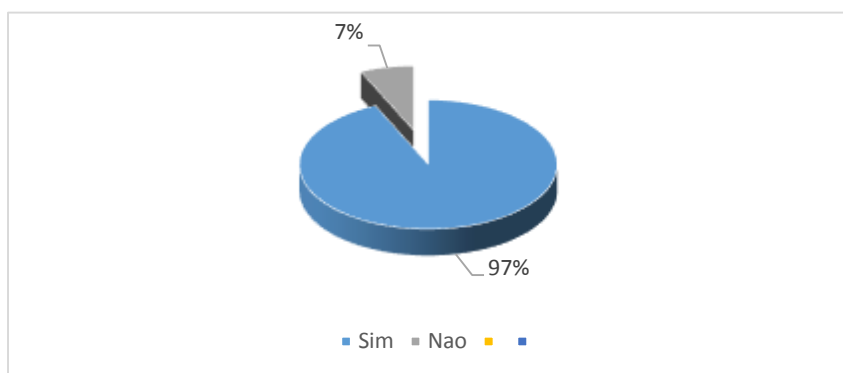
Gráfico 4-Profissão



Fonte: Elaboração Própria

Do total da amostra inquirida, pode-se constatar segundo os dados do gráfico 4 que 49% são trabalhadores por conta de outrem.

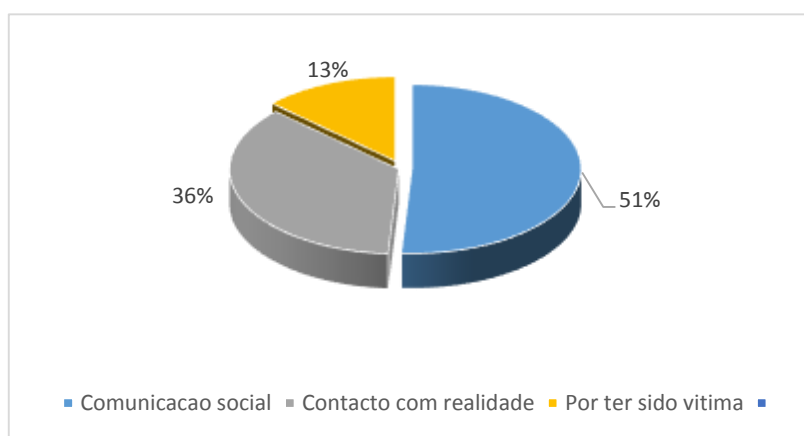
Gráfico 5- Conhecimento da violência urbana



Fonte: Elaboração Própria

Pode-se constatar segundo os dados obtidos que 97% dos inquiridos tem conhecimento da violência urbana que despoletou na ilha de São Vicente nos últimos tempos.

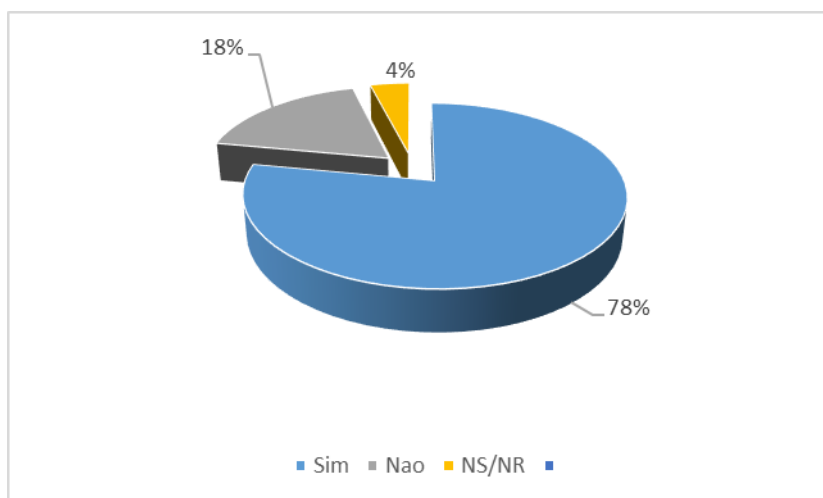
Gráfico 6- Esse conhecimento advém de onde



Fonte: Elaboração Própria

A maioria dos inquiridos teve conhecimento da violência urbana que despoletou na ilha de São Vicente através da comunicação social (51%), seguido de 36% que tiveram contato com essa realidade.

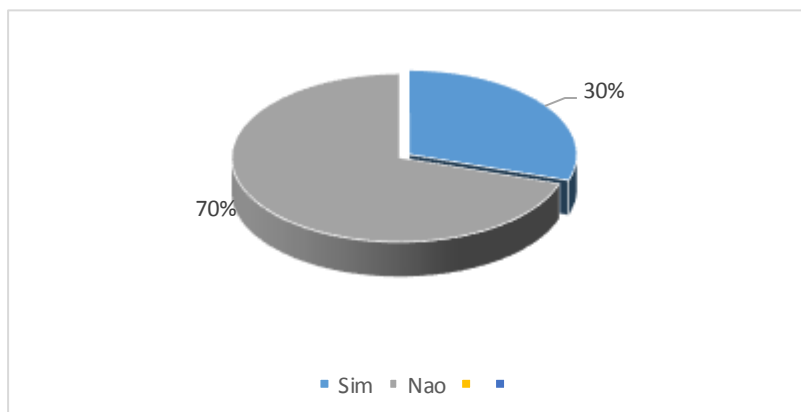
Gráfico 7- violência urbana / delinquência juvenil



Fonte: Elaboração Própria

No gráfico 7 verifica-se que a maioria dos inquiridos (78%) considera que a violência urbana e a delinquência juvenil aumentaram em São Vicente nos últimos tempos (2007 a 2011), período que antecede a criação da Brigada Anticrime, isto pelo fato de, de acordo com alguns elementos da policia, muitas vezes não se consegue agir na prevenção, ou seja, o fenómeno tem de acontecer para depois tomarem medidas adequadas no sentido da sua resolução.

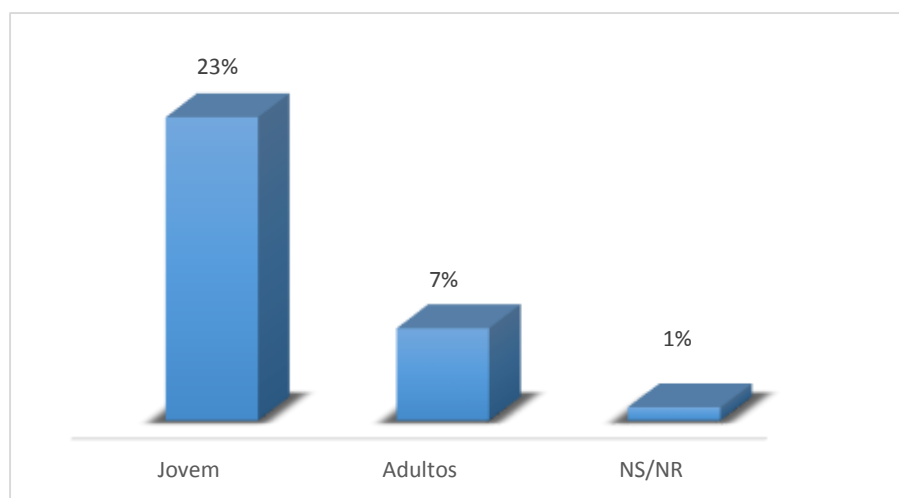
Gráfico 8-vítimas da violência urbana em São Vicente



Fonte: Elaboração Própria

Pode-se constatar pelo gráfico 8 que a maioria dos inquiridos nunca foram vítimas da violência urbana em São Vicente. Apenas 30% dos inquiridos afirma ter sido alguma vez vítima da violência urbana em São Vicente.

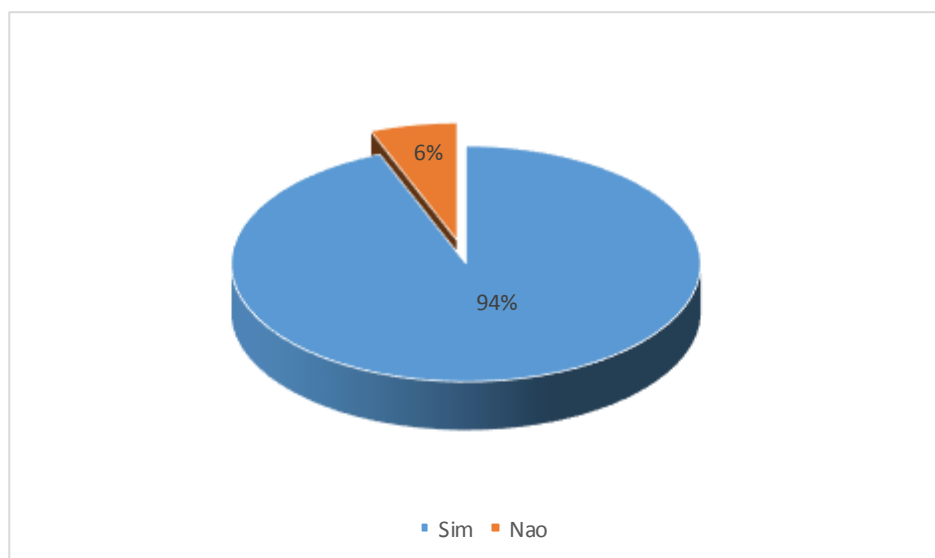
Gráfico 9- Foi cometido por adultos ou por jovens que aparentam ter menos de 18 anos



Fonte: Elaboração Própria

De acordo com as vítimas da violência urbana em São Vicente, esse tipo de crime é cometido na sua maioria por jovens que aparentam ser menores de 18 anos, o que nos leva a ter a percepção de que as instituições vocacionadas para a educação e aconselhamento dos jovens não tem desempenhado o seu papel da forma mais eficaz.

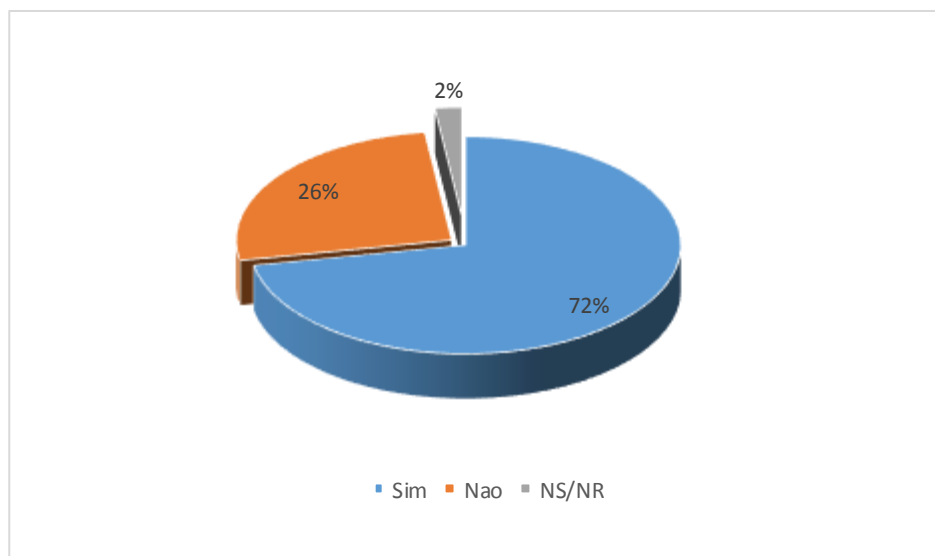
Gráfico 10- violência urbana / insegurança



Fonte: Elaboração Própria

A maioria dos inquiridos considera que a violência urbana contribui para que os cidadãos se sintam mais inseguros (94%). É de realçar que, ao longo dos últimos anos tem-se vindo a verificar que o sentimento de insegurança assumiu grande expressão na sociedade cabo-verdiana, uma vez que os aspetos que a este fenómeno de insegurança estão associados como o aumento do crime e a percepção da perda de controlo que isso gera, tem atingido proporções significativas nos debates sociais. O sentimento de insegurança e o medo atingem mais pessoas do que o problema da criminalidade em si, isto tendo em conta a amplitude do universo das pessoas que afligem.

Gráfico 11- Sente-se inseguro (ameaçado) com esse tipo de violência



Fonte: Elaboração Própria

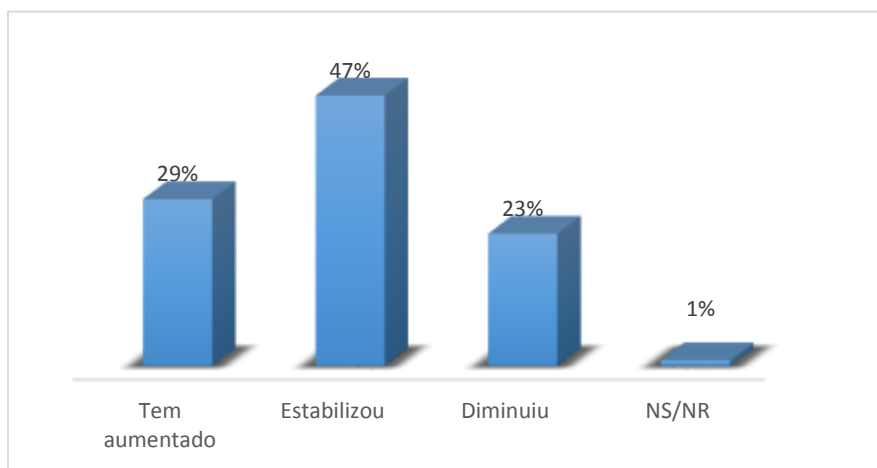
De acordo com o gráfico 11 pode-se verificar que a maioria dos inquiridos (72%) sente-se insegura com a violência urbana.

Tendo sido vítima ou não da violência urbana, comprova-se que os Sanvicentinos se sentem inseguros devido ao crescimento do índice de violência urbana e criminalidade ao longo dos últimos anos nesta ilha.

Isto reflete-se essencialmente, no caso em que as pessoas se sentem mais seguras quando se encontrem em locais conhecidos e próximos das suas residências, pelo que há cada vez mais reduzida circulação de pessoas nas ruas e em determinadas horas do dia e em determinadas zonas.

Muitas pessoas optam por colocar grades nas portas e janelas das habitações ficando assim enclausurados em casa por medo da violência e da insegurança.

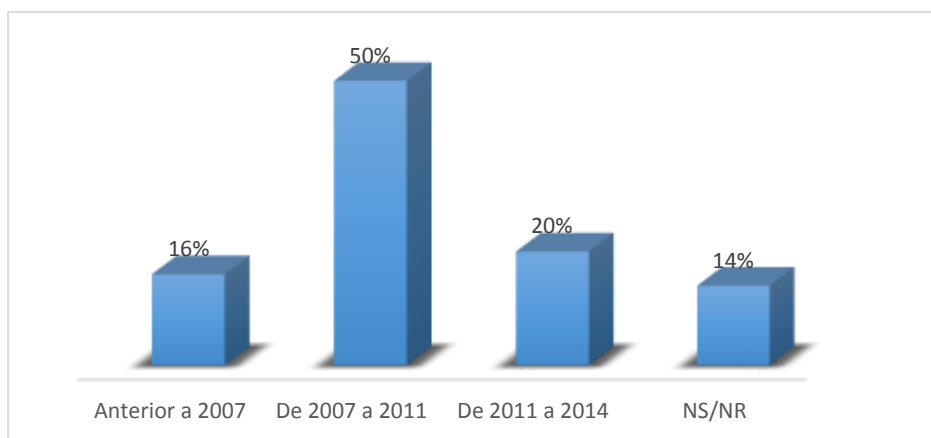
Gráfico 12- Tendência verificada em relação a violência urbana



Fonte: Elaboração Própria

Relativamente a tendência verificada em relação a violência urbana em São Vicente, 47% dos inquiridos é de opinião que esta estabilizou com tendência para a diminuição nos últimos anos. Essa mesma percepção tem os elementos da Policia Nacional, que afirmam que neste momento já não existe os tais grupos gangues que foram os principais impulsionadores da violência urbana em São Vicente.

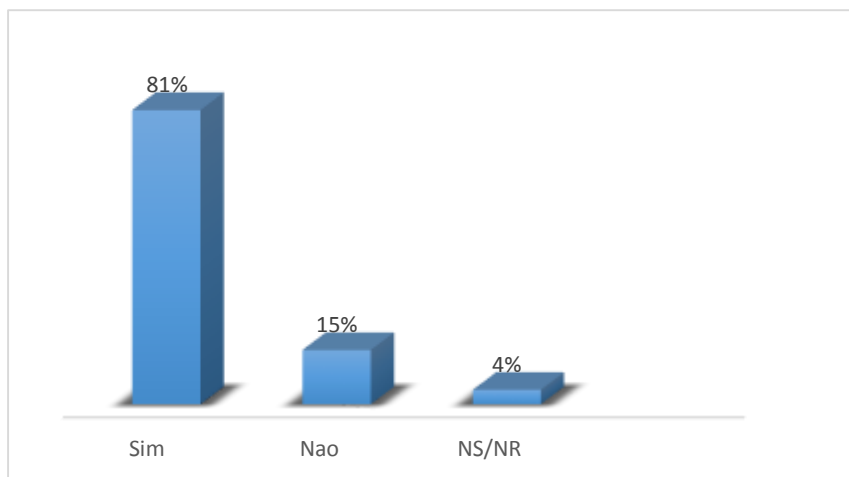
Gráfico 13- Fenómeno gangue em São Vicente



Fonte: Elaboração Própria

Embora não se saiba com exatidão quando é que se começou a verificar o fenómeno gangue em São Vicente, no gráfico 13 verifica-se que para a maioria dos inquiridos (50%) o fenómeno gangue em São Vicente começou a ser percebido no período entre 2007 à 2011. Foi também nesse período que a Policia Nacional começou a desenvolver estratégias para o seu combate.

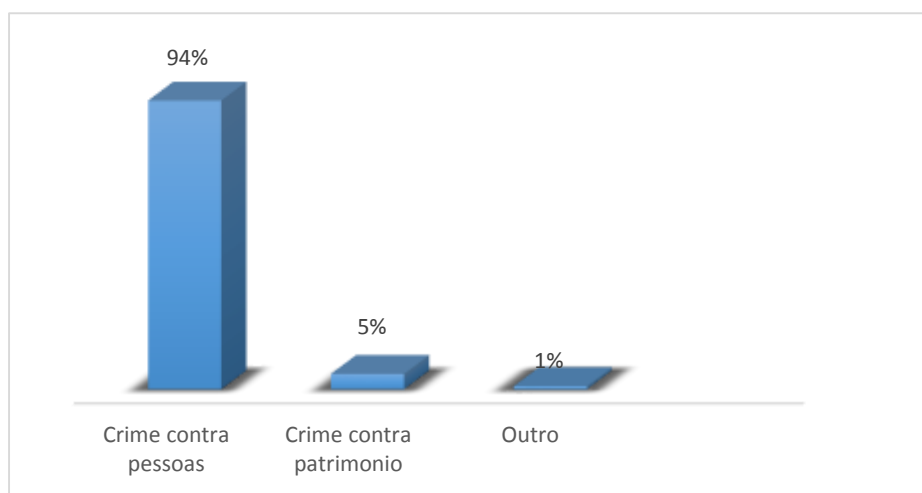
Gráfico 14- Violência urbana / surgimento dos grupos gangues



Fonte: Elaboração Própria

Observa-se no gráfico 14, que, para a maioria dos inquiridos o surgimento do fenómeno gangue levou ao incremento da violência urbana na ilha de São Vicente. Para 81% dos inquiridos o surgimento dos grupos gangues fez com que a violência urbana ganhasse proporções fora do normal em São Vicente.

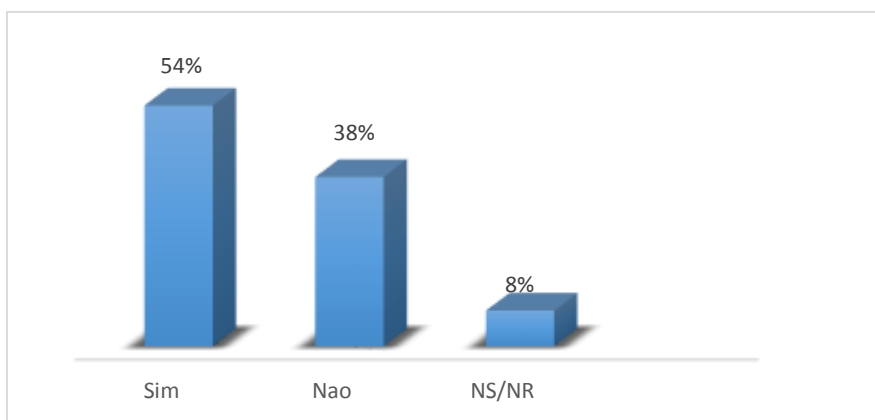
Gráfico 15- Tipo de crime / surgimento dos grupos gangues



Fonte: Elaboração Própria

De acordo com os dados obtidos através da aplicação do nosso questionário, o principal tipo de crime praticado em São Vicente com o surgimento dos grupos gangues foram os crimes contra pessoas (97%) onde se incluem crimes contra a integridade corporal, a honra e a liberdade do indivíduo.

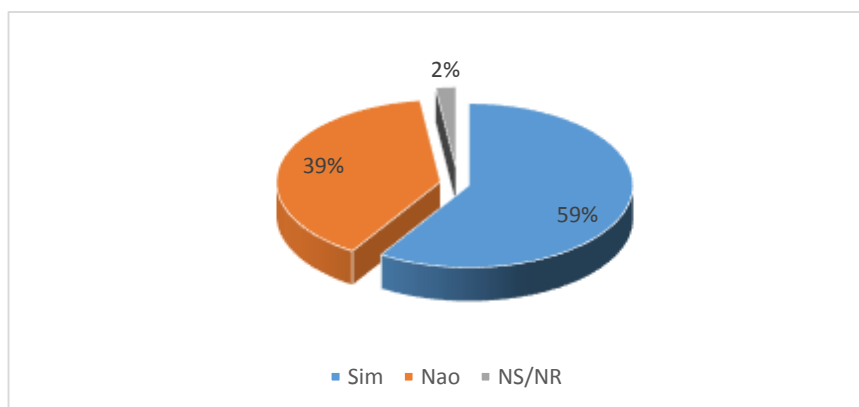
Gráfico 16- A família / violência e criminalidade existente na nossa sociedade



Fonte: Elaboração Própria

Pelos dados apresentados no gráfico 16, podemos verificar que, para os inquiridos a família é a principal responsável pela violência e criminalidade existente na nossa sociedade (54%). A percepção da maioria é que os valores transmitidos na família têm vindo a ser postos de lado e os jovens na falta de bons exemplos acabam por enveredar para o mundo da criminalidade.

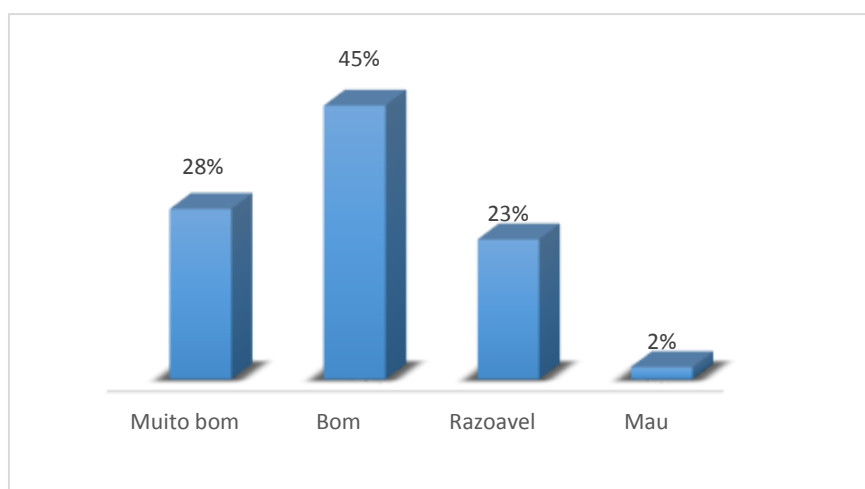
Gráfico 17- Situação económica precária / aumento da violência urbana em São Vicente



Fonte: Elaboração Própria

O aumento da violência urbana em São Vicente, deve-se na sua maioria ao facto de muitas famílias viverem numa situação económica precária. Dos inquiridos 59% é de opinião que este aumento da violência urbana em São Vicente está relacionado com a condição económica precária pela qual muitas famílias atravessam atualmente.

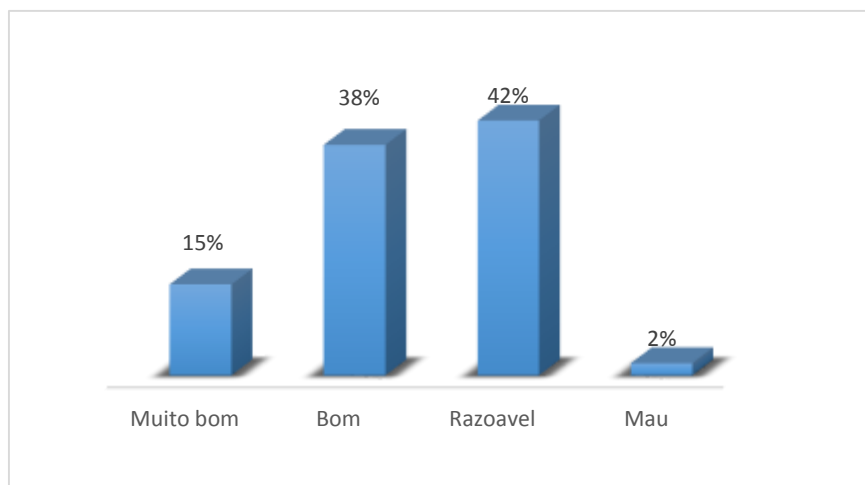
Gráfico 18- Desempenho da Polícia Nacional em São Vicente



Fonte: Elaboração Própria

A Policia Nacional é avaliada de forma positiva pelos inquiridos. A maioria é de opinião que o desempenho da Policia Nacional é bom (45%).

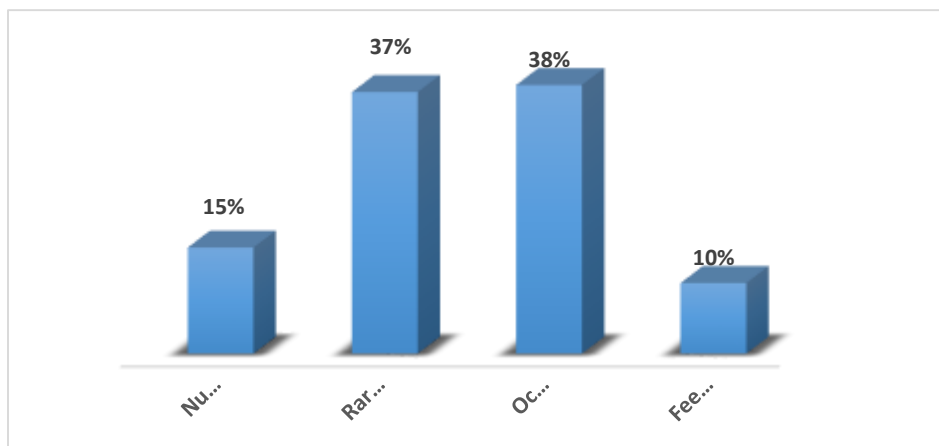
Gráfico 19- Polícia Nacional/ prevenção e combate a violência urbana



Fonte: Elaboração Própria

A população das diversas zonas de São Vicente considera que a PN tem feito o seu trabalho na prevenção e combate a criminalidade. Avaliando esse item a maioria é de opinião que esse trabalho de prevenção é razoável na zona onde reside (42%), isto pelo facto de muitas vezes ser solicitado a presença policial e essa demorar a responder as solicitações, chegando muitas vezes quando a situação já está fora do controle.

Gráfico 20- Violência urbana na zona onde reside



Fonte: Elaboração Própria

No último ano os moradores das diversas zonas presenciaram situações de violência urbana na zona onde residem ocasionalmente (38%) ou raramente (37%), o que leva a crer que, realmente o trabalho de prevenção feita pela Polícia Nacional tem tido efeitos práticos nas diferentes zonas de São Vicente.

Gráfico 21- Roubo com o uso de força ou ameaça

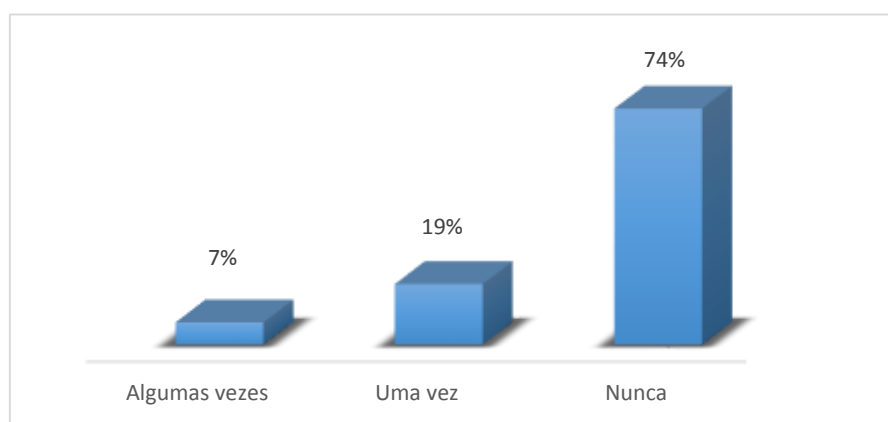


Fonte: Elaboração Própria

O gráfico apresenta o resultado do roubo ou da tentativa de roubo sofrido pelos nossos inquiridos com recurso a força ou ameaça. Pelos dados podemos constatar que, esse delito

aconteceu com menos de metade da população alvo, o que leva a crer que a situação tem vindo a melhorar, pois 76% dos inquiridos afirmaram não serem vítimas de roubo ou de tentativa de roubo nos últimos tempos.

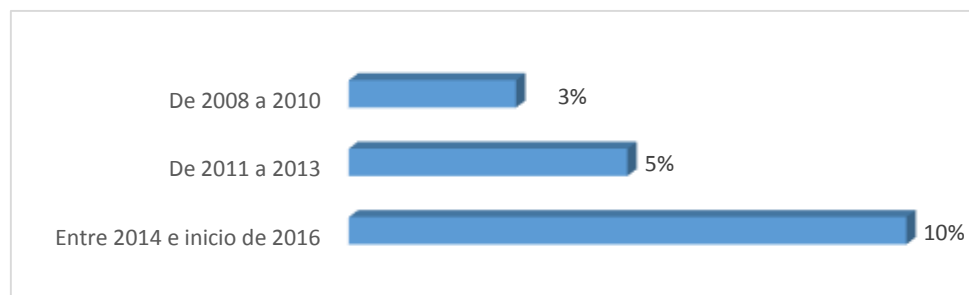
Gráfico 22- Agressão/ ameaça



Fonte: Elaboração Própria

Dos dados obtidos através da aplicação do questionário constatou-se que, nos últimos tempos a maioria dos inquiridos (74%) não foram agredidos ou ameaçados de forma assustadora.

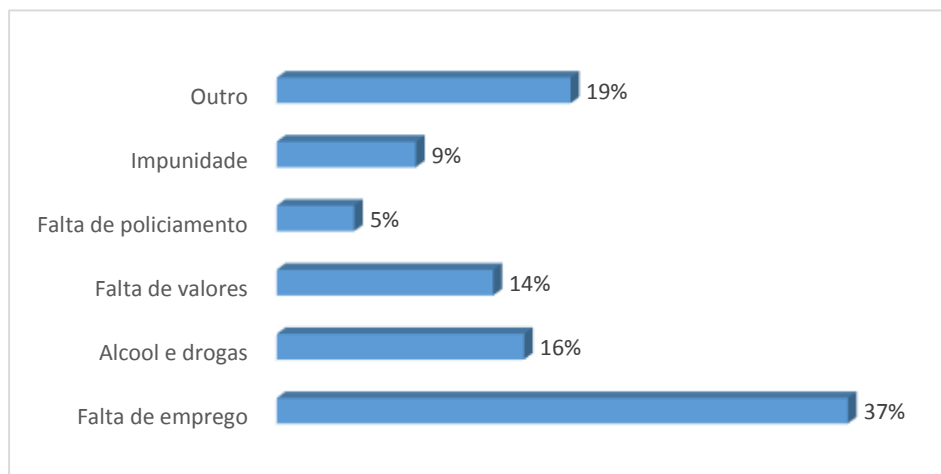
Gráfico 23- Quando é que isso aconteceu



Fonte: Elaboração Própria

Dos inquiridos que foram agredidos ou ameaçados a maioria dos casos aconteceu no período entre 2014 e 2016 (10%)

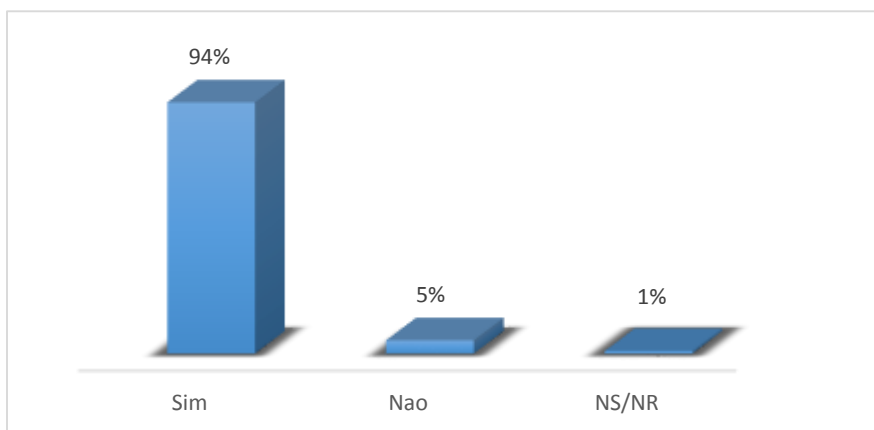
Gráfico 24- Causa ou facilitadores do fenómeno da violência urbana



Fonte: Elaboração Própria

A maioria dos inquiridos apontam como causa ou facilitador do fenómeno da violência urbana, a falta de emprego de uma forma geral e mais precisamente o desemprego jovem que contribui para que esses fiquem nas ruas sem nenhuma ocupação, acabando por enveredar para a violência e a criminalidade.

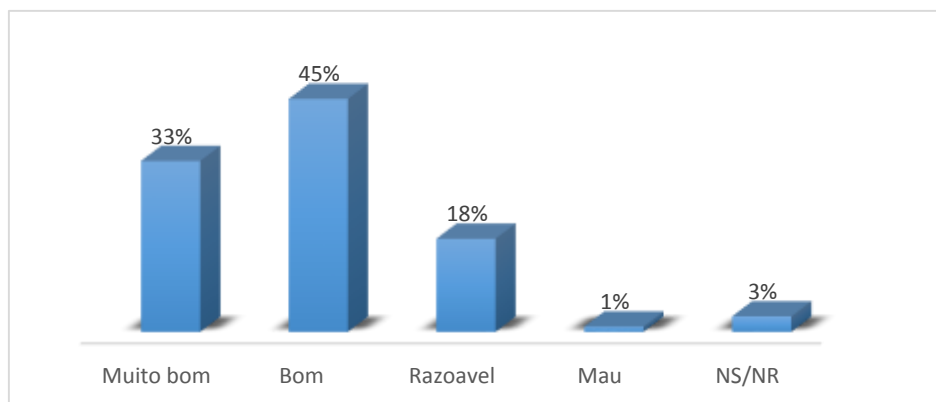
Gráfico 25- Conhecimento BAC



Fonte: Elaboração Própria

Abordando o tema da Brigada Anticrime constatou-se que a maioria (94%) dos inquiridos têm conhecimento desta unidade especial da Policia Nacional, denominados por todos de” Ninjas” e que vieram trazer alguma segurança as pessoas, pois a situação da violência ia se transformando em algo fora do controle.

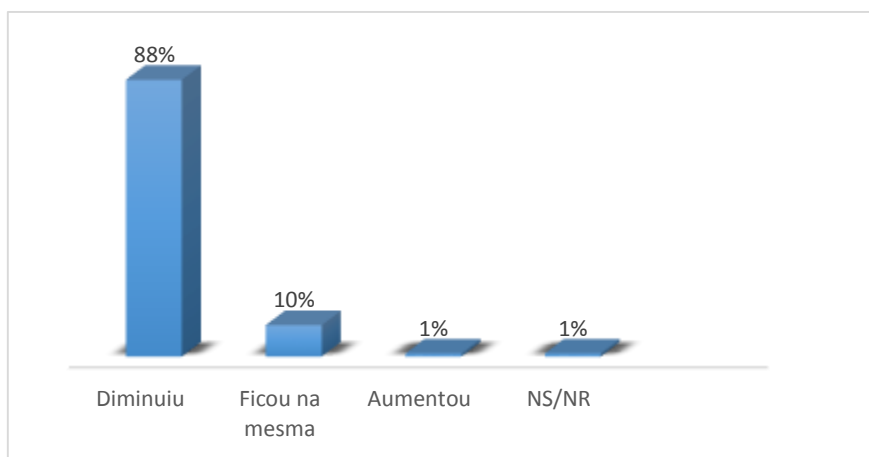
Gráfico 26-Desempenho BAC



Fonte: Elaboração Própria

O seu desempenho é avaliado positivamente pela maioria dos inquiridos, pois com as suas rondas constantes pelas diversas zonas conseguiram diminuir de forma drástica a onda de violência que se assistia quase que diariamente.

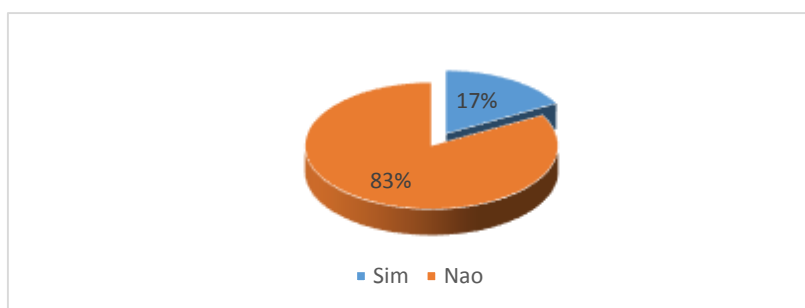
Gráfico 27- Formação da BAC /violência urbana em São Vicente



Fonte: Elaboração Própria

A formação da BAC, segundo os nossos inquiridos (88%) contribuiu para que a violência urbana em São Vicente diminuísse, mas, contando também com a contribuição de diversas outras instituições como foi o caso da Igreja.

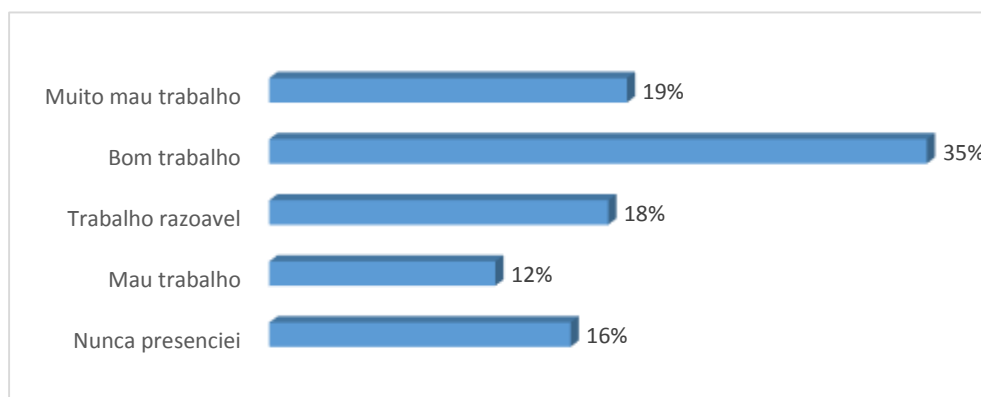
Gráfico 28- Abordagem / BAC



Fonte: Elaboração Própria

De acordo com os dados do gráfico 28, a maioria dos inquiridos nunca foram abordados pelos elementos da Brigada Anticrime.

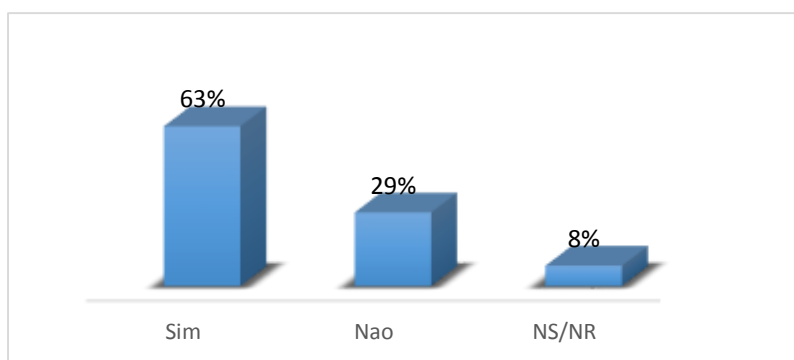
Gráfico 29- Opinião relativa a abordagem feita pelos elementos da BAC



Fonte: Elaboração Própria

Apesar de a maioria nunca ter sido abordado pela Brigada Anticrime, muitos já os presenciaram em ação e consideram que estes tem feito um bom trabalho no que respeita a abordagem aos presumíveis suspeitos de crime.

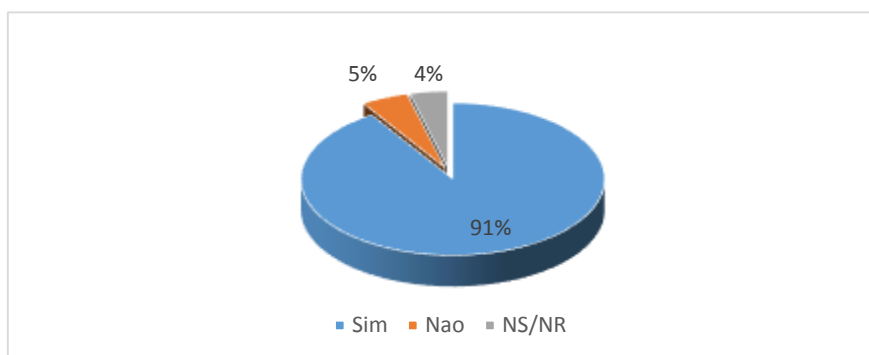
Gráfico 30- Jovens provenientes de famílias desestruturadas / probabilidade de serem delinquentes e ou criminosos



Fonte: Elaboração Própria

Os dados mostram que 63% dos inquiridos é de opinião que a desestruturação familiar leva os jovens a enveredarem para o mundo da delinquência e do crime.

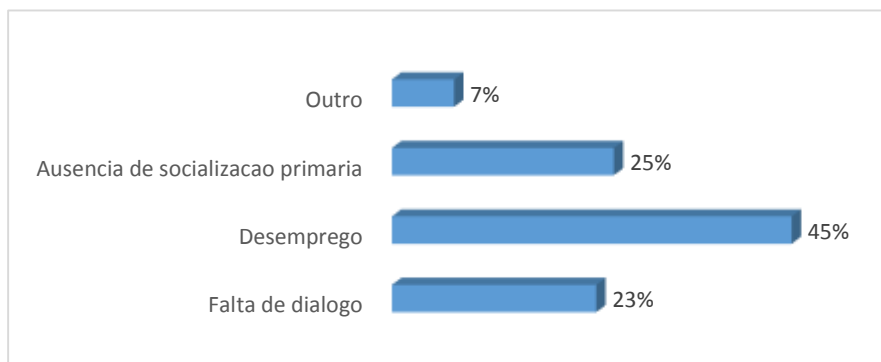
Gráfico 31- O uso de drogas /prática de criminalidade e violência



Fonte: Elaboração Própria

Os inquiridos são de opinião que, as pessoas que usam drogas tanto lícitas como ilícitas, são as que praticam crimes e violência, porque na maioria dos casos esta é a forma que encontram para conseguirem recursos, para adquirirem as drogas que necessitam quando isso já transformou num vício.

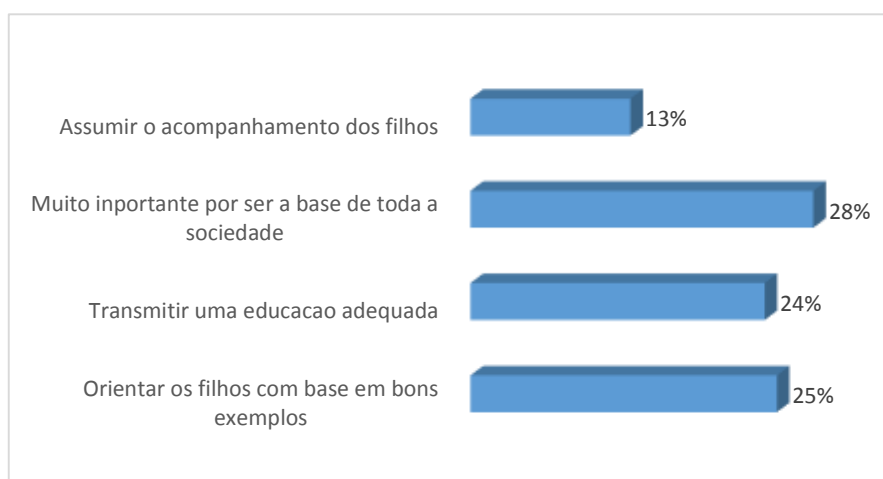
Gráfico 32- jovens / mundo do crime e da violência



Fonte: Elaboração Própria

De acordo com os dados do gráfico 32, os jovens enveredam para o mundo da criminalidade e da violência por falta de emprego, isto porque, não têm uma ocupação o que os leva muitas vezes a estarem nas ruas sem o que fazer, acabando por serem atraídos para esse mundo, na ilusão de que com isso irão conseguir obter aquilo que o emprego lhes proporcionaria.

Gráfico 33- Papel da família na prevenção e combate a criminalidade e violência urbana em São Vicente?



Fonte: Elaboração Própria

Questionados sobre o papel da família na prevenção e combate à criminalidade e à violência urbana em São Vicente, a opinião dos inquiridos girou em torno de três eixos, sendo que, 28% é da opinião de que a família é muito importante no combate à criminalidade e à violência urbana por ser a base de toda a sociedade, 25% alega que o papel da família passa por orientar os filhos com base em bons exemplos e 24% diz que esse papel passa pela transmissão de uma educação adequada.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo entender os motivos que levam os jovens a enveredarem para o mundo da violência urbana em São Vicente. E, com o intuito de materializar o objetivo optou-se por uma abordagem direcionada na análise estatística dos resultados apresentados.

A partir da análise dos dados obtidos, no que respeita a violência urbana em São Vicente, a maioria diz ter conhecimento desse fenómeno que foi perceptível para 97% dos nossos inquiridos (ver gráfico 5) apesar de serem apenas 30% (ver gráfico 8) aqueles que realmente foram vítimas desse fenómeno. Dos inquiridos vítimas da violência a maioria afirma que esse ato foi perpetrado por jovens que aparentam ter mais de 18 anos (ver gráfico 9).

Através dos resultados da pesquisa e das hipóteses levantadas chega-se a conclusão de que:

Hipótese 1: A falta de emprego contribui para o aumento da violência urbana

O desemprego contribui para o aumento da violência urbana em São Vicente. A maioria dos inquiridos apontam a situação económica precária na qual muitas famílias em São Vicente vivem como um dos fatores que leva os jovens a enveredarem para o mundo da delinquência e do crime (ver gráfico 24). Apontam mesmo como principal facilitador da violência urbana o facto de muitos não terem um emprego (ver gráfico 32). Esta hipótese é valida pelos dados demonstrados através da aplicação do questionário e também pela revisão da literatura onde os vários críticos do fenómeno da violência urbana apontam como uma das causas dessa problemática a falta de uma politica de emprego para os jovens.

Hipótese 2: O uso de drogas tanto lícitas e ilícitas disponíveis é um fator que pode levar a criminalidade.

As drogas tanto lícitas como ilícitas disponíveis é um fator que pode levar a prática da criminalidade, uma vez que, a maioria dos usuários não dispõem de recursos para adquirir essas substâncias recorrem a criminalidade e a violência (ver gráfico 31). Para alguns elementos da Polícia Nacional o uso de substâncias ilícitas como drogas é um facilitador para a entrada no mundo do crime, havendo pessoas que praticam crimes para obter drogas e muitos drogam-se para praticar crimes e distúrbios sociais. Com base nos dados obtidos e nesses pressupostos a hipótese acaba por ser confirmada.

Hipótese 3: Crianças que nascem e crescem num ambiente de violência têm tendência em vir praticar os mesmos atos quando forem adolescentes e jovens.

Relativamente a desestruturação familiar e a sua relação com a prática da violência e criminalidade, ou seja, de que as crianças que nascem e crescem num ambiente de violência irão praticar esses mesmos atos quando forem adolescentes e jovens a maioria dos inquiridos (ver gráfico 30) confirmam esse preceito.

Hipótese 4: A falta de uma presença policial de proximidade constitui um fator que pode gerar violência urbana.

Os inquiridos consideram que a Policia Nacional no Comando de São Vicente tem feito o seu trabalho no que tange ao policiamento de proximidade (ver gráfico 19) e que isso foi reforçado com a criação da BAC que faz rondas constantes as diversas zonas a pé como forma de alcançar os locais de mais difícil acesso e isso tem tido efeitos positivos na redução da violência urbana e da criminalidade (ver gráfico 20), opinião essa que também os próprios elementos da Brigada Anticrime têm. Para estes, desde o momento que passaram a estar mais próximo das pessoas nas diversas zonas, mesmo as de mais difícil acesso, os índices de violência e criminalidade diminuíram significativamente o que confirma a hipótese levantada.

Hipótese 5: Com a criação da Brigada Anticrime da Policia Nacional de São Vicente a violência urbana diminuiu.

Segundo os dados (ver gráfico 27) a criação da Brigada Anticrime contribuiu para a diminuição da violência urbana em São Vicente, mas não foi o único fator decisivo na mudança do ritmo dos acontecimentos. Os entrevistados, elementos da Policia Nacional e integrantes da BAC, enumeram outras instituições e serviços que tiveram um papel relevante neste aspeto destacando-se o caso da Igreja Católica na pessoa do Frei Fidalgo o que mostra que quando a uma junção de forças das diversas esferas da sociedade é possível debelar algumas das problemáticas que atingem a juventude e não só.

Tendo em conta o que foi proposto, concluiu-se que as hipóteses apontadas no início se confirmaram como foi demonstrado, e assim sendo, pode-se deduzir que o objetivo do trabalho foi atingido.

.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Albergaria, Jason. *Criminologia Teórica e Prática*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aide Editora, 1988.

Bersani, Carl A; Chen, Huey – Tsyh (1988), «*Sociological Perspectives in Family Violences*» in Vicent B. Van Hasselt et al. (eds) *Handbook of Family Violence*, Plenum Press, New York, p. 66.

Bettiol, G. (1978). *Direito Penal, Parte Geral, V.I*, Coimbra Editora, in Júlio Fabbrini Mirabele,

Born, M. (2005). *Psicologia da delinquência*. Climepsi Editores: Lisboa.

Cardoso, Katia (2008a), *Violência urbana em Cabo Verde: causas e impactos. Comunicação apresentada no VI Congreso de Estudios Africanos en El Mundo Ibérico África, Puentes, Conexiones e Intercâmbios*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. 7-9 de Mayo

Cardoso, Katia (2008b), “*Violência grupal urbana em Cabo Verde: um exemplo de globalismo localizado?*”, *Comunicação apresentada no Workshop Pré-congresso: Os jovens e os caminhos de futuro: novos mapas para as ciências sociais e humanas*. Centro de Estudos Sociais 18 de Junho.

Carroll, J. C. (1980), « *A Cultural-Consistency Theory of Family Violence in mexican-american and Jewish-ethnic Groups*», in M. A. Straus; G. T. Hotaling (eds), *The Social Causes of Husband-Wife Violence*, Minneapolis, University of Minnesota Press, pp. 68-81.

Carvalho, M. (2004). “*Entre as malhas do Desvio: Jovens, espaços, trajetórias e delinquências*”, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

Cerqueira, D. R. C. e Lobão, W. A. J. L. (2003), *Determinantes da Criminalidade: Arcabouços Teóricos e Resultados Empíricos*, no 957, IPEA.

Chiavenato, I. (2004). *Comportamento organizacional. A Dinâmica do Sucesso das Organizações*. São Paulo: Thonson Learninig.

Costa, C (2004). *A entrevista*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Dencker, Ada de Freitas M (2001). *Pesquisa Empírica em Ciências Humanas*. São Paulo: Futura.

Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of Qualitative Research* (pp. 1- 22). Thousand Oaks: SAGE Publications.

Denzin, N.K., Lincoln Y.S. (1994). *Entering the Field of Qualitative Research*. In N.K.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Tomo II, Lisboa: Circulo de Leitores, p. II28.

Dobash, R. Emerson; DOBASH, Russell P.; *Violence against Wives. A Case against the Patriarchy*, New York, the Free Press, 1979.

Fernandes, G. (2009). *Estudo sobre os Jovens em conflito com a Lei em Cabo Verde*. Praia: Ministério da Justiça.

Ferreira, J.M Carvalho et al. (1995), “*Desvio e Controlo Social*”, Sociologia, Lisboa Mc Grawll – Hill: 429 – 446.

Flick, Uwe. (2005). *Métodos qualitativos na Investigação científica*. Lisboa: Monitor. Guba, E., Lincoln, Y. (1994). *Competing paradigms in qualitative research*. In N. Denzin, Y. Lincoln, Handbook of qualitative research (Cap.6), London: Sage Publications.

Frías, M. A., Sotomayor, M. P., Varela, C. B. C., Zaragoza, F. O., Banda, A. L. B. & García, A. S. (2000). *Predictores de la delincuencia juvenil*. La Psicología Social en México, 8, 486-492.

Giddens, A. (2004). *Sociologia* (4ª ed.). Lisboa: revista e atualizada, Fundação Calouste Gulbenkian.

Giddens, A. (2009). *Sociologia* (7ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gullotta, T., Adams, G., & Montemayor, R. (1998). *Delinquent violent youth: theory and interventions*. London: SAGE Publications.

Karakashev, I. (1988). *La personalidad del delincente*. Ed. Progreso.

Lima, Redy Wilson, “*Thugs: Vitimas e/ou agentes da violência?*” Praia, 2010

Lima, Redy Wilson, Jornadas de Reflexão “*A gestão da violência juvenil grupal e o surgimento do Estado Securitário em Cabo Verde*”, Salão de Banquetes da Assembleia Nacional, Praia, 15/05/2012

Lima, Redy Wilson. “*Desigualdades Sociais e Violência juvenil Urbana: o caso dos thugs*”, The West African Peace Initiative Cape Verde conference, Praia, 12-14 December 2011

Maia, R. L. (Coord.), *Dicionário de Sociologia*, Porto: Porto Editora, 2002.

Marconi, M. de A; Lakatos, E. M. *Técnicas de pesquisa: planeamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração análise e interpretação de dados*. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 1996.

Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento & Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas,

Montero, E. C., (1985). *Exstructura Judicial en América Latina*. Bogotá.

Pascual, R. (1996). *La función directiva en el contexto socioeducativo actual*. Madrid.

Quiroga, S. H., (1985). *Sociologia Criminal*. México: Ed. Porrúa.

Quivy, Raymond et al. (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva

Renato N. Fabbrini. (2007). *Manual de Direito Penal. Parte Geral*. (24 ed.) São Paulo: Atlas.

Roque, S. e Cardoso, K. (2010). “*Entre a marginalização e a securitização: jovens e violências em Cabo Verde e na Guiné-Bissau*”. Comunicação apresentada no VII Congresso Ibérico de Estudos Africanos. Lisboa: CIEA8.

Rosental, Claude; Fremonter-Murphy, Camille. *Introdução aos métodos quantitativos em ciências humanas e sociais*. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2001.

Rotman, E. (1998). *Revista portuguesa de ciência criminal*. Coimbra: Coimbra editora.

Santos, E. (1999). *Direito da Família*. Coimbra: Almedina.

Santos, José Vicente Tavares dos. *A Violência como dispositivo de excesso de poder: Estado e Sociedade*. Brasília. UNB, 1986.

Varela, Aquilino, “*A violência em Cabo Verde: entre a fantasmagoria da história, a desterritorialização das tensões sociais e novos agenciamentos*”, apresentado no Colóquio Segurança e Violência em Cabo Verde, Assomada, Universidade Santiag

ANEXOS

ANEXO 1: Questionário utilizado na recolha de dados

Este inquérito destina-se à preparação de uma monografia em Sociologia, subordinada ao tema: A violência urbana e o surgimento da Brigada Anti - crime da Policia Nacional em São Vicente.

Agradecemos antecipadamente pela sua colaboração. Aproveitamos para informar que todos os dados serão tratados de uma forma confidencial, tendo como único fim, servir de suporte para este trabalho académico.

1. SEXO:

- 1. Masculino
- 2. Feminino

2. IDADE:

- 1. 15 - 24 2. 25 – 34
- 3. 35 – 44 4. 45 - 54
- 5. 55 e mais

3. ESTADO CIVIL:

- 1. Solteiro 2. Casado

3. Divorciado 4. Viúvo____

5. N.S/N.R____

4. ESCOLARIDADE

1. Nunca Frequentou

2. EBI

3. Ensino Secundário

4. Ensino Médio

5. Ensino Superior

6. N.S/ N.R

5. PROFISSAO_____

6. NATURALIDADE_____

7. RESIDÊNCIA_____

8. Tem conhecimento da violência urbana que assolou nos últimos anos a ilha de São Vicente?

1.Sim

2.Não

3. N.S/N.R

9. Esse conhecimento advém de onde?

1. Através da comunicação social

2. Do contacto com essa realidade

3. Por ter sido vítima

4. N.S/N.

10. Na sua opinião a violência urbana e delinquência juvenil aumentou em São Vicente nos últimos anos?

1. Sim

2. Não

3.N.S/N.R

11. Já alguma vez foi vítima da violência urbana em São Vicente?

1.Sim

2.Não

3. N.S/N.R

12. Se sim, foi cometido por adultos ou por jovens que aparentam ter menos de 18 anos?

1. Jovens

2. Adultos

3. N.S/N.R

13. Na sua opinião, a violência urbana tem contribuído para que os cidadãos se sintam mais inseguros?

1. Sim

2. Não

3. N.S/N.R

14. No seu caso pessoal sente-se inseguro (ameaçado) com esse tipo de violência?

1. Sim

2. Não

3. N.S/N.R

15. Qual é para si a tendência verificada em relação a violência urbana?

1. Tem aumentado

2. Estabilizou

3. Diminuiu

4. N.S/N.R____

16. Para si, os fatores que contribuem para a violência urbana são predominantemente (pontue de 1 a 5, sendo 1 o mínimo e 5 o máximo) Fatores 1 2 3 4

Factores	1	2	3	4	5
De natureza individual					
De natureza familiar					
De natureza social					
De natureza cultural					
N.S/N.R					

17. Quando é que se começou a verificar o fenómeno gangue em São Vicente?

Anterior a 2007	2007 a 2011	2011 a 2014	N.S/ N.R
--------------------	----------------	----------------	-------------

18. Na sua opinião a violência urbana em São Vicente foi influenciada pelo surgimento dos grupos gangues?

1. Sim
2. Não
3. N.S/N.R

19. Qual o principal tipo de crime praticado em São Vicente, com o surgimento dos grupos gangues?

1. Crimes contra pessoas
2. Crimes contra património
3. Outro_____

4. N.S/N.R

20. A que se deve, na sua opinião, a responsabilidade pela onda de violência urbana verificada em São Vicente nos últimos tempos? (pontue de 1 a 5, sendo 1 o mínimo e 5 o máximo)

	1	2	3	4	5
Ao facto de se ter fácil acesso à armas de fogo					
A desresponsabilização dos pais na educação dos filhos					
A sociedade ser mais violenta actualmente					
A violência que assistimos diariamente nos filmes e na televisão					
Aos deportados dos EUA					

21. Na sua opinião, a família é de alguma forma responsável pela violência e criminalidade existente na nossa Sociedade?

1. Sim

2. Não

3. N.S/N.R

22. Se Sim, porque

23. Para si a situação económica precária pelo qual muitas famílias atravessam contribui para o aumento da violência urbana em São vicente?

1. Sim
2. Não
3. N.S/N.R

Relativamente a criação da unidade especial da Policia Nacional – Brigada Anti-crime.

24. Qual a sua perceção relativamente ao desempenho da Policia Nacional em São Vicente?

1. Muito bom
2. Bom
3. Razoável
4. Mau
5. N.S/ N.R

25. Como avalia o trabalho da PN na prevenção e combate a violência urbana na zona onde reside?

1. Muito Boa

- 2. Bom
- 3. Razoável
- 4. Mau
- 5. N.S/N.R

26. No último ano, quantas vezes presenciou, pessoalmente, uma situação relacionada com a violência urbana na zona onde reside?

- 1. Frequentemente
- 2. Ocasionalmente
- 3. Raramente
- 4. Nunca

27. Nos últimos tempos alguém lhe roubou ou tentou roubar-lhe alguma coisa com o uso de força ou ameaça?

- 1. Sim
- 2. Não
- 3. N.S/N.

28. Nos últimos tempos foi agredido ou ameaçado por alguém de uma forma que o assustou verdadeiramente, na rua, em casa, num bar, ou noutro lugar qualquer?

- 1. Muitas vezes
- 2. Algumas Vezes

3. Uma só vez

4. Nunca

5. N.S/ N.R

29. Se sim quando é que isso aconteceu?

30. O que na sua opinião causa ou facilita o fenómeno da violência urbana?

31. Tem conhecimento da existência da Brigada Anti_crime da PN?

1. Sim

2. Não

3. N.S/N.R

32. Como é que avalia o desempenho dessa unidade especial da PN?

1. Muito Bom

2. Bom

3. Razoável

4. Mau

5. N.S/N.R

33. Acha que com a formação da BAC a violência urbana em São Vicente?

1. Diminuiu
2. Ficou na mesma
3. Aumentou
4. N.S/N.R

34. Alguma vez foi abordada pela BAC?

1. Sim
2. Não
3. N.S/N.

35. Se sim, em que situação?

36. Qual a opinião que tem relativamente a abordagem feita pelos elementos da BAC?

37. Os jovens provenientes de famílias desestruturadas tem maior probabilidade de serem delinquentes e ou criminosos?

1. Sim
2. Não ‘
3. N.S/N.

Se sim, porque?

Se não, porque?

38. O uso de drogas tanto lícitas como ilícitas contribui para a prática de criminalidade e violência urbana?

1.Sim

2.Não

3.N.S/N.

Se sim, porque?

Se não, porque?

39. O que leva os jovens a enveredarem para o mundo do crime e da violência urbana?

1. A falta de diálogo

2. O desemprego

3. A ausência da socialização primária

4. Outro

40. Qual o papel da família na prevenção e combate a criminalidade e violência urbana em São Vicente?

ANEXO 2: Guião de entrevista

Entrevista enquadrada na preparação de uma monografia para a obtenção de uma licenciatura em Sociologia, subordinada ao tema: **A violência urbana e o surgimento da Brigada Anti - crime da Policia Nacional em São Vicente**

Pretendemos procurar algumas pistas que nos ajudem a compreender as causas do aumento da delinquência juvenil e criminalidade em São Vicente e analisar o contexto do surgimento da Brigada Anti- Crime da Policia Nacional.

Agradecemos antecipadamente pela sua colaboração. Aproveitamos para informar que todos os dados serão tratados de uma forma confidencial, tendo como único fim, servir de suporte para este trabalho académico.

1. Sexo
2. Idade
3. Escolaridade
4. Patente
5. Quais os tipos de crime para os quais a polícia é mais frequentemente chamada a intervir?
6. Qual a sua opinião sobre a violência urbana e criminalidade em São Vicente?

7. Quando é que a Policia Nacional se apercebeu de que a Violência Urbana em São Vicente estava a ter contornos fora do normal?
8. Com o surgimento dos grupos gangues (delinquentes juvenis), houve a necessidade de criação de uma equipa especial com o objetivo de atuar sobre essa problemática. Foi isso que levou na sua opinião a mudança verificada no comportamento desses grupos atualmente?
9. O que na sua opinião (Políticas) levaria a diminuição ou extinção da violência urbana em São Vicente?
10. A Policia Nacional, na sua opinião, está preparada para assegurar a tranquilidade dos cidadãos?
11. Quais foram os ganhos obtidos com a criação da Brigada Anticrime?
12. Qual deve ser o papel dos cidadãos no combate a criminalidade?
13. Uma vez que são os próprios elementos da corporação da Policia Nacional que são também elementos da BAC, porque, na sua opinião, não conseguiram travar a problemática dos grupos gangues logo aquando do seu surgimento?
14. Especulou-se muito, aquando da criação da BAC de que seus elementos agiam a margem da lei, aproveitando do facto de estarem de cara tapada para praticar alguns exageros. Qual é a sua opinião?
15. Se não se tivesse optado pela criação da BAC, o fenómeno da criminalidade e violência entre os grupos gangues teria aumentado de proporções?

- 16.** Atualmente como vê a violência urbana e criminalidade em São Vicente?
- 17.** Qual a sua percepção sobre o desempenho da polícia na prevenção e combate a violência urbana?
- 18.** Ouve-se frequentemente as diversas esferas da sociedade referirem que a violência urbana é o resultado dos problemas sociais advenientes do uso das drogas tanto lícitas como ilícitas. Qual a sua percepção sobre isso?
- 19.** Através da sua atuação como PN, tem a percepção de que aqueles que praticam atos de violência urbana e criminalidade são indivíduos que cresceram no meio familiar desestruturado.

ANEXO 3: TABELAS

Tabela 1: Sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	49	49,0	49,0	49,0
	Feminino	51	51,0	51,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 2: Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	15-24	21	21,0	21,0	21,0
	25-34	30	30,0	30,0	51,0
	35-44	31	31,0	31,0	82,0
	45-54	12	12,0	12,0	94,0
	55 e mais	6	6,0	6,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 3: Estado Civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteiro	82	82,0	82,0	82,0
	Casado	14	14,0	14,0	96,0
	Divorciado	4	4,0	4,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 4: Profissão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Desempregado	14	14,0	14,0	14,0
	Reformado	1	1,0	1,0	15,0
	Estudante	16	16,0	16,0	31,0
	Trabalhador por conta própria	13	13,0	13,0	44,0
	Trabalhador por conta de outrem	49	49,0	49,0	93,0
	Domestica	7	7,0	7,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 5: tem conhecimento da violência urbana que assolou nos últimos tempos a ilha de São Vicente?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	97	97,0	97,0	97,0
	Não	3	3,0	3,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 6: esse conhecimento advém de onde?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Através da comunicação social	51	51,0	51,0	51,0
	Do contacto com essa realidade	36	36,0	36,0	87,0
	Por ter sido Vítima	13	13,0	13,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 7: na sua opinião a violência urbana e a delinquência juvenil aumentou em São Vicente nos últimos anos?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	78	78,0	78,0	78,0
	Não	18	18,0	18,0	96,0
	N.S/N.R	4	4,0	4,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 8: já alguma vez foi vítima da violência urbana em São Vicente?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	30	30,0	30,0	30,0
	Não	70	70,0	70,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 9: foi cometido por adultos ou por jovens que aparentam ter menos de 18 anos?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid		69	69,0	69,0	69,0
	Jovens	23	23,0	23,0	92,0
	Adultos	7	7,0	7,0	99,0
	N.S/N.R	1	1,0	1,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 10: a violência urbana tem contribuído para que os cidadãos se sintam mais inseguros?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	94	94,0	94,0	94,0
	Não	6	6,0	6,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 11: no seu caso pessoal sente-se inseguro(ameaçado) com esse tipo de violência?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	72	72,0	72,0	72,0
	Não	26	26,0	26,0	98,0
	N.S/N.R	2	2,0	2,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 12: Qual é para si a tendência verificada em relação a violência urbana?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Tem aumentado	29	29,0	29,0	29,0
	Estabilizou	47	47,0	47,0	76,0
	Diminuiu	23	23,0	23,0	99,0
	N.S/N.R	1	1,0	1,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 13: quando é que se começou a verificar o fenómeno gangue em São Vicente?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Anterior à 2007	16	16,0	16,0	16,0
	De 2007 à 2011	50	50,0	50,0	66,0
	De 2011 à 2014	20	20,0	20,0	86,0
	N.S/N.R	14	14,0	14,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 14: o fenómeno da violência urbana em São Vicente foi influenciado pelo surgimento dos grupos gangues?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	81	81,0	81,0	81,0
	Não	15	15,0	15,0	96,0
	N.S/N.R	4	4,0	4,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 15: qual o principal tipo de crime praticado em São Vicente com o surgimento dos grupos gangues?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Crimes contra pessoas	94	94,0	94,0	94,0
	Crimes contra património	5	5,0	5,0	99,0
	Outro	1	1,0	1,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 16: a família é de alguma forma responsável pela violência e criminalidade existente na nossa sociedade?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	54	54,0	54,0	54,0
	Não	38	38,0	38,0	92,0
	N.S/N.R	8	8,0	8,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 17: a situação económica precária pelo qual muitas famílias atravessam contribuiu para o aumento da violência urbana em São Vicente?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	59	59,0	59,0	59,0
	Não	39	39,0	39,0	98,0
	N.S/N.R	2	2,0	2,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela18: Qual a sua perceção relativamente ao desempenho da Policia Nacional em São Vicente?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito bom	28	28,0	28,0	28,0
	Bom	45	45,0	45,0	73,0
	Razoável	23	23,0	23,0	96,0
	Mau	2	2,0	2,0	98,0
	N.S/N.R	2	2,0	2,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 19: Policia Nacional/ prevenção e combate a violência urbana

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito Boa	15	15,0	15,0	15,0
	Bom	38	38,0	38,0	53,0
	Razoável	42	42,0	42,0	95,0
	Mau	3	3,0	3,0	98,0
	N.S/N.R	2	2,0	2,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 20: no ultimo ano, quantas vezes presenciou uma situação relacionada com a violência urbana na zona onde reside?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Frequentemente	10	10,0	10,0	10,0
	Ocasionalmente	38	38,0	38,0	48,0
	Raramente	37	37,0	37,0	85,0
	Nunca	15	15,0	15,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 21: nos últimos tempos alguém lhe roubou ou tentou roubar-lhe alguma coisa com o uso de força ou ameaça?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	24	24,0	24,0	24,0
	Não	76	76,0	76,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 22: nos últimos tempos foi agredido ou ameaçado por alguém de uma forma que o assustou verdadeiramente?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Algumas vezes	7	7,0	7,0	7,0
	Uma só vez	19	19,0	19,0	26,0
	Nunca	74	74,0	74,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 23: quando é que isso aconteceu?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid		82	82,0	82,0	82,0
	De 2008 à 2010	3	3,0	3,0	85,0
	De 2011 à 2013	5	5,0	5,0	90,0
	Entre 2014 e Inícios 2016	10	10,0	10,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 24: O que na sua opinião causa ou facilita o fenómeno da violência urbana?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falta de emprego	37	37,0	37,0	37,0
	Álcool e drogas	16	16,0	16,0	53,0
	Falta de valores	14	14,0	14,0	67,0
	Falta policiamento	5	5,0	5,0	72,0
	Impunidade	9	9,0	9,0	81,0
	Outro	19	19,0	19,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 25: tem conhecimento da existência da Brigada Anticrime da PN?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	94	94,0	94,0	94,0
	Não	5	5,0	5,0	99,0
	N.S/N.R	1	1,0	1,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 26: como avalia o desempenho dessa unidade especial da PN?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito bom	33	33,0	33,0	33,0
	Bom	45	45,0	45,0	78,0
	Razoável	18	18,0	18,0	96,0
	Mau	1	1,0	1,0	97,0
	N.S/N.R	3	3,0	3,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 27: acha que com a formação da BAC a violência urbana em São Vicente

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Diminuiu	88	88,0	88,0	88,0
	Ficou na mesma	10	10,0	10,0	98,0
	Aumentou	1	1,0	1,0	99,0
	N.S/N.R	1	1,0	1,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 28: Alguma vez foi abordado pela BAC?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	17	17,0	17,0	17,0
	Não	83	83,0	83,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 29: Qual a opinião que tem relativamente a abordagem feita pelos elementos da BAC?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito bom trabalho	19	19,0	19,0	19,0
	Bom trabalho	35	35,0	35,0	54,0
	Trabalho razoável	18	18,0	18,0	72,0
	Mau trabalho	12	12,0	12,0	84,0
	Nunca presenciei	16	16,0	16,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 30: os jovens provenientes de famílias desestruturadas tem maior probabilidade de serem delinquentes e ou criminosos?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	63	63,0	63,0	63,0
	Não	29	29,0	29,0	92,0
	N.S/N.R	8	8,0	8,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 31: O uso de drogas tanto lícitas como ilícitas contribui para a prática de criminalidade e violência?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	91	91,0	91,0	91,0
	Não	5	5,0	5,0	96,0
	N.S/N.R	4	4,0	4,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 32: O que leva os jovens a enveredarem para o mundo do crime e da violência?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Falta de dialogo	23	23,0	23,0	23,0
	O desemprego	45	45,0	45,0	68,0
	Ausência da socialização primaria	25	25,0	25,0	93,0
	Outro	7	7,0	7,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	

Tabela 33: qual o papel da família na prevenção e combate a criminalidade e violência urbana em São Vicente?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Orientar os filhos com base em bons exemplos	25	25,0	25,0	25,0
	Transmitir uma educação adequada	24	24,0	24,0	49,0
	Muito importante por ser a base de toda a sociedade	28	28,0	28,0	77,0
	Assumir o acompanhamento dos filhos	13	13,0	13,0	90,0
	Outro	10	10,0	10,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	